



*A Idade do Bronze em Portugal:
os dados e os problemas*



www.cph.ipt.pt

SÉRIE MONOGRÁFICA N. 1 // 2014 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar
Edifício M - Campus da Quinta do Contador, Estrada da Serra, 2300-313 Tomar
NIPC 503 767 549

DIRETORA

Ana Cruz, Centro de Pré-História

EDIÇÃO

Centro de Pré-História

SUB-DIRETORA

Ana Graça, Centro de Pré-História

ISBN 978-972-9473-83-8

Associação Portuguesa de Editores e Livreiros

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem
Instituto Politécnico de Tomar

SEDE DE REDACÇÃO

Centro de Pré-História
Instituto Politécnico de Tomar

COORDENADORA CIENTÍFICA

Susana Soares Lopes, Professora Catedrática aposentada da Universidade do Porto

AUTORES

Alexandra Vieira
João Muralha Cardoso
João Carlos Caninas
Francisco Henriques
Davide Delfino
Ana Cruz
Ana Graça
Filomena Gaspar
Álvaro Batista
Paulo Félix
Lídia Baptista
Eduardo Porfírio
Miguel Serra
António Carlos Valera

**A IDADE DO BRONZE NO ALTO DOURO PORTUGUÊS:
OS DISCURSOS POSSÍVEIS.**

João Muralha Cardoso

CEAACP –

Centro de Estudos em Arqueologia, Arte e Ciências do Património

Bolseiro de Pós-doutoramento da FCT

jmuralha@gmail.com

A Idade do Bronze no Alto Douro Português: os discursos possíveis.

João Muralha Cardoso

Resumo

A grande maioria dos autores ao referir-se à Idade do Bronze em Portugal, e mesmo à Península Ibérica, aludem imediatamente a um fenómeno de grande diversidade geográfica/regional e aceitam, igualmente a existência de um período crescente de complexidade social. O que se pretende com este artigo é reflectir sobre estas questões e olhar a região do Alto Douro numa perspectiva de aferir a existência de continuidades ou descontinuidades "culturais". Até que ponto a investigação deste período, nesta região, produziu um conjunto de materialidades que hoje nos permite refletir sobre a dinâmica inerente a um discurso baseado nos objetos. Cremos que esta afirmação é redutora e será necessário olhar a paisagem, a mobilidade, os contextos arquitectónicos e a sua implantação geomorfológica, pois tudo isto assume-se como espaços de ação humana. A atenção dada à paisagem torna-se importante. Que materialidades existem que possam ser indexadas à idade do Bronze, que contextos, que sítios arqueológicos, onde estão implantados? Partiremos da cartografia de sítios e achados e da sua análise e discussão. Aqui daremos atenção aos sítios bem conhecidos, já escavados ou em processo de escavação; Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento, mas também temos de ter em conta os outros lugares e as suas implantações, Castelo Velho da Meda, Quinta de Alfarela, Alto da Lamigueira, entre outros. Por outro lado, a reflexão relativa às estelas/estátuas menires identificadas nesta área será outro elemento importante deste trabalho que nos permite aumentar o quadro das materialidades e dos seus contextos. Desta forma poderemos refletir sobre as materialidades, as paisagens e os contextos, poderemos ensaiar discursos, e sugerir respostas.

Palavras-chave: Alto Douro, Idade do Bronze, Paisagem, Continuidades, Descontinuidades.

Abstract

The vast majority of authors who study the Bronze Age in Portugal, immediately allude to a phenomenon of great geographical / regional diversity and also accept the existence of a period of increasing social complexity. With this paper we intend to reflect on these issues and look at the Alto Douro region with a view to assess the existence of "cultural" continuities or discontinuities. Has the research on this period and in this region, produced a set of materiality that allows us to think on the dynamics inherent in a discourse based on objects. We believe that this statement is simplistic and we will need to look at all the spaces of human action; the landscape, the mobility, the architectural contexts and their geomorphological placement. The attention given to landscape becomes important. What is the material culture of the Bronze Age, where are the archaeological contexts and the archaeological sites, where they were positioned. We start by mapping the sites and the findings. Then we discussed about well-known sites already excavated or in process of excavation; Castelo Velho de Freixo de Numão

and Castanheiro do Vento, but we must also take in account other places and their placements, Castelo Velho da Meda, Quinta da Alfarela, Alto da Lamigueira, among others. On the other hand, the reflection on the stelae / statues menhirs identified in this area will be another important element of this work that allows us to increase the framework of materiality and its contexts. Then we can review discourses and start to imply answers.

Keywords: Upper Douro, Bronze Age, Landscape, Continuities, Discontinuities.

O. Introdução

A Mesa Redonda sobre a Idade do Bronze em território português que o Instituto Politécnico de Tomar agora organiza pretende enfatizar como linha de debate uma temática muito específica; a discussão em cada região abordada, dos critérios de periodização (continuidade e descontinuidade cultural) tendo sobretudo como base a dinâmica das materialidades, dando-se particular atenção no quadro das materialidades, aos contextos arquitectónicos, enquanto espaços de acção social e negociação de poder.

Sob um ponto de vista de grande escala, a vasta maioria dos autores ao referir-se à Idade do Bronze em Portugal, e mesmo à Península Ibérica, aludem imediatamente a um fenómeno de grande diversidade geográfica/regional e aceitam, igualmente a existência de um período crescente de complexidade social.

Para este artigo a primeira assunção não se coloca, já que iremos apenas referir uma região relativamente pequena e circunscrita, onde aparentemente os discursos poderão ser mais homogéneos. A problemática coloca-se ao nível da procura de continuidades ou descontinuidades culturais; até que ponto a investigação deste período, no território que abordamos, produziu um conjunto de materialidades que hoje nos permite refletir sobre a dinâmica inerente a um discurso baseado nos objetos. À partida, apenas este indicador é redutor para as múltiplas leituras que a arqueologia visibiliza. A paisagem, a mobilidade, os contextos arquitectónicos e a sua implantação geomorfológica, assumem-se como espaços de ação humana que eventualmente traduzem ações sociais.

Esta última ideia remete-nos para um outro conceito exposto no segundo parágrafo; "complexidade social". Como ler no chamado registo arqueológico a complexidade social? Que indicadores utilizar?

Desde finais do século passado que investigadores admitem que "complexidade", e mesmo intensificação, interação e hierarquização (tão caras a um discurso de pendor processual), expressam-se na progressiva visibilização das materialidades associadas ao poder, sobretudo na riqueza e diversidade de contextos sepulcrais, materiais de excepção e aparecimento de diferentes objetos; o fenómeno da complexidade social correlacionar-se-ia desta forma com novos e diferentes cenários de ações sociais que deixariam uma marca visível no registo arqueológico.

O território tratado neste artigo trará consigo estes indicadores que nos farão encaminhar a reflexão para fenómenos de complexidade e hierarquização social? Ou será que as leituras visibilizadas pela arqueologia poderão ser múltiplas e problematizantes, onde a permanente colocação de questões se torne um ponto essencial da investigação?

É importante referir algumas especificidades de carácter arqueológico inerentes ao Alto Douro português que podem afectar as respostas às questões anteriores.

a) Nos últimos 30 anos tem existido um esforço considerável em investigação, mas essa investigação tem-se debruçado essencialmente sobre escavações intensivas em poucos sítios arqueológicos; caso de Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento. Outros investigadores têm trabalhado com base em intervenções mais pontuais e caracterizadoras dos sítios arqueológicos intervencionados; caso do Fumo, Tourão da Ramila, Quinta da Torrinha, Barrocal Tenreiro e Castelo de Algodres (Carvalho 2003 e 2004), e mais recentemente António de Sá Coixão realizou sondagens num conjunto de sítios, cujos materiais nos permitem uma associação à Pré-história Recente; Castelo Velho da Meda, Castro de São Jorges e Castelo do Nunes (inf. pessoal). Os resultados ainda não se encontram publicados.

b) A segunda especificidade refere-se aos trabalhos de prospecção. Nesta região do Alto Douro e Norte da Beira Interior os trabalhos de prospecção têm acontecido de uma forma muito sistemática nos últimos anos. É importante mencionar os trabalhos de campo que levaram à publicação das cartas arqueológicas de Vila Nova de Foz Côa e Meda (Coixão 1996 e Coixão, *et al.* 2009), o reconhecimento do território do Parque Arqueológico do Vale do Côa (VV.AA 1997, Aubry e Carvalho 1998, Reis 2011, 2012, 2013) e prospecções de âmbito académico, com questionários mais direccionados e conduzido em áreas mais restritas (Silva 1996, Muralha 1996, Varela 2000 e Perestrelo 2001), ou em territórios mais alargados (Muralha Cardoso, 2010). A arqueologia preventiva no âmbito da minimização de impactes tem por sua vez, alargado o conjunto de sítios arqueológicos conhecido. No Norte da Beira Interior temos todo o trabalho efectuado ao longo do traçado do IP2, entre Celorico da Beira e o Rio Douro, junto à vila do Pocinho, o acompanhamento das obras de modernização da estrada nacional 222 e 332, entre Almendra e Figueira de Castelo Rodrigo e Vila Nova de Foz Côa (Pina 2009, 2010) e a prospecção efectuada na área do Alto Côa referente ao Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa (VV.AA 2001). No Alto Douro, a Norte do Rio Douro referem-se os trabalhos arqueológicos efectuados na área de afectação da construção da barragem do Sabor, e as obras do IC5.

Estas especificidades que, se por um lado se afirmam como uma mais valia a nível do conhecimento do território, por outro lado contribuem para acrescentar uma grande diversidade de escalas de conhecimento; sítios escavados e com um acervo publicado muito grande, sítios apenas sondados, e na sua maior parte sítios identificados em trabalhos de prospecção. Desta forma possuímos um conjunto de pontos num mapa, pontos fixos bidimensionais e estáticos, com graus de conhecimento diferenciados. Torna-se importante referir que os materiais que associamos à idade do bronze e encontrados em contexto de escavação, são muito escassos, assim como aqueles recolhidos em prospecção. Por outro lado os sítios arqueológicos identificados como sendo, ou tendo uma ocupação indexada ao Bronze são em número considerável e aparentemente de grande diversidade.

Colocamos agora uma questão; como encontrar um discurso interpretativo que integre todas estas variáveis? As leituras terão que passar por factores como o número de sítios, a sua implantação geomorfológica e a sua diversidade contextual, quando possível. Desta forma só nos podemos encaminhar para uma metodologia de trabalho onde a paisagem adquira um significado interpretativo. Uma paisagem onde todas as materialidades possam ser objecto de reflexão, os materiais arqueológicos encontrados em prospecção e escavação e os próprios sítios, aqui encarados também como materialidades.

A atenção dada à paisagem torna-se importante. Que materialidades existem que possam ser indexadas à idade do Bronze, que contextos, que sítios arqueológicos, onde estão

implantados? Estas serão algumas das questões que tentaremos responder ao longo deste artigo. Estas serão questões que nos permitirão reflectir sobre as continuidades e descontinuidades "culturais" ao longo da Idade do Bronze e ter em conta nesta reflexão a dinâmica das materialidades onde as arquitecturas implantadas numa paisagem adquirem um valor acrescido de acção social e negociação de poder.

1. O quadro geográfico

Ao longo dos últimos anos temos reflectido sobre conceitos que nos têm ajudado a olhar de uma forma mais problematizante para as questões inerentes a paisagem, território, espaço, lugar e sítio (Muralha Cardoso 2010, prelo a, prelo b). Neste artigo apesar de tratarmos de território e sítios, não o iremos fazer. Importa apenas observar que quando falamos de espaço, estamos a falar de representação de uma paisagem. O espaço é o quadro no qual cartografamos, marcamos, representamos a inteligibilidade de uma paisagem vista pelos olhos do investigador. Espaço surge-nos como representação de uma área geográfica, é assumidamente entendido como visão cartográfica dos diversos sentidos da investigação. Torna-se a representação cartográfica de um território.

O território, por sua vez, terá que ser entendido como sedimentação de memórias, identidades e práticas de sociabilidade que em conjunto agregam uma área geográfica constituída por significados e experiências (Muralha Cardoso prelo b).

Associado a espaço e território surge a ideia de "lugar". Este é geralmente conceptualizado em termos absolutos, sendo entendido como uma porção de espaço geográfico. Esta concepção newtoniana de espaço subsiste ainda hoje em grande parte da literatura arqueológica. Os lugares são porções de um "espaço" onde toda a acção se passa, onde no "espaço" absoluto, os lugares são parcelas que podem ser cartografadas (Casey 1996: 20). A ideia é sedutora, pois permite a concepção de um espaço mensurável e absoluto. Em arqueologia, lugar surge quase sempre como sinónimo de sítio arqueológico. Se nos quisermos afastar desta ideia, muito fixa e bidimensional pois tira mobilidade e tridimensionalidade à paisagem, temos de reflectir o "lugar" como um contexto inter-relacional entre pessoas e o mundo. Os lugares não são locais por onde as pessoas se movem, são inerentes ao processo de habitar um território, sendo neste processo que cada lugar obtém o seu significado (Ingold 2000; Muralha Cardoso 2010). O lugar é onde nos encontramos no processo de habitar e assim é encontro, movimento, associação, acção.

Podemos agora definir a nossa paisagem; qual é o nosso quadro geográfico de investigação.

De um ponto de vista corográfico e em termos gerais, os limites do presente trabalho definem-se pelo Rio Torto a Oeste, a Ribeira de Aguiar a Este (fronteira com Espanha) a Sul a Serra da Marofa e a Norte o Rio Douro, embora pontualmente se refiram alguns sítios arqueológicos a Norte daquele rio, embora nunca ultrapassando a Este o Rio Tua.

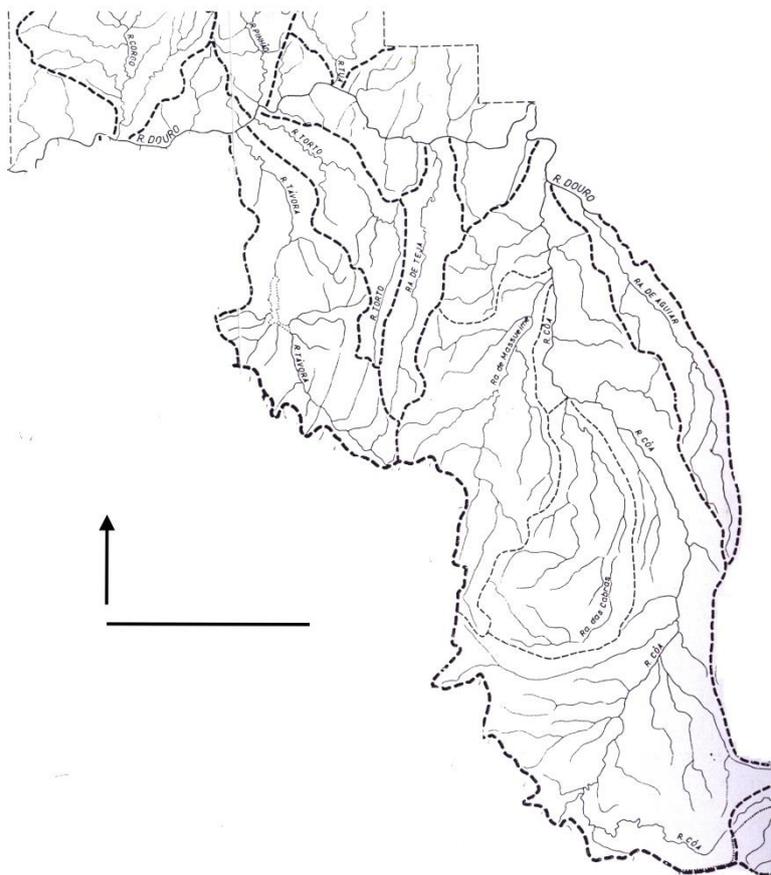


Figura 1. Delimitação da área de trabalho. Bacias hidrográficas do rio Torto, da ribeira da Teja, do rio Côa e da ribeira de Aguiar. Modificado de Ferreira 1978: 317. A seta indica o Norte e o segmento de recta que representa a escala tem 30km.

Em termos geográficos, insere-se no Alto Douro e depressões anexas (Ribeiro 1986: 188/189). É uma área completamente implantada na bacia hidrográfica do Rio Douro. Este curso de água não constitui factor de divisão, pelo contrário, actua como um eixo estruturante de toda esta região natural. Os planaltos e montanhas a Norte e a Sul deste rio são em tudo idênticos, separa-os, apenas, o forte entalhe do rio prolongado nos seus afluentes pelas bacias de abatimento.

De um ponto de vista de grandes conjuntos estruturais a nossa área de trabalho encontra-se numa zona de fronteira entre a zona Centro-Ibérica do Maciço Hespérico e a grande depressão terciária do rio Douro (Medeiros 2000: 34). Em termos mais precisos, encontra-se no extremo Oeste da grande unidade morfo-estrutural da Meseta, superfície em grande parte aplanada, com cordilheiras dispostas a meio (Cordilheira Central e os Montes de Toledo). Esta localização precisa transmite a este território uma especificidade geomorfológica muito interessante.

Em termos geológicos toda a área Norte do nosso trabalho assenta no complexo xisto-grauváquico com duas grandes intrusões graníticas; os maciços de Freixo de Numão e de Numão. O primeiro já foi objecto de estudo circunstanciado (Ferreira, Ribeiro 1995). Este complexo é constituído por formações litológicas que possuem uma larga área de exposição em Portugal. No nosso território de acção é composto por várias formações litológicas com

idades diferentes e relações complexas entre elas¹. Os granitóides hercínicos ocupam toda a zona Sul da área de trabalho.

De um ponto de vista geomorfológico, a Meseta, ou mais especificamente o planalto de Castela-a-Velha é uma superfície de aplanamento muito bem conservada que se estende entre a Cordilheira Central e o rio Douro. Entra pelo território actualmente português, em Trás-os-Montes até ao Sabor e na Beira Interior até ao planalto de Vila Nova de Foz Côa. Junto ao rio Douro nos xistos, esta superfície desaparece.

Toda esta superfície é atravessada por um alinhamento de relevos residuais que formam a serra da Marofa, extremo Sul da nossa área de trabalho.

“Esta serra é um sinclinal ordovícico que emerge do complexo xisto- grauváquico, devendo o seu relevo à particular dureza das assentadas quartzíticas skidavianas” (Ferreira 1978:55).

Este alinhamento reveste-se de grande importância, não só em termos geomorfológicos, como em termos da interpretação do meio. A sua silhueta é inconfundível e avistada a longa distância tendo uma cota máxima de 975m, subindo 300m em relação ao nível médio do platitudo da Meseta.

Outro relevo residual muito importante é o cabeço de São Gabriel, localizado a NW de Castelo Melhor e a SE da estação arqueológica de Castelo Velho de Freixo de Numão que parece manter com esta crista uma relação visualmente impositiva (Jorge 2005, Muralha Cardoso 2010). A sua cota é de 654m, elevando-se cerca de 150m em relação ao planalto.



Figura 2. Crista quartzítica de São Gabriel vista de Noroeste.

¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre este tema ver Ribeiro, M. L., 2001.

Além dos relevos residuais, a superfície da Meseta é atravessada por um sistema de filões de quartzo de direcção quase sempre NNE-SSW. Alguns salientam-se com nitidez na paisagem enquanto outros encontram-se muito ou completamente arrasados. Segundo Brum Ferreira “ (...) a ideia geral com que se fica é que, pelo menos a maioria dos filões de quartzo, certamente por constituírem afloramentos muito estreitos, não devem ter resistido ao arrasamento geral da Meseta, tendo sido postos em evidência pela erosão posterior” (Ferreira 1978:59)².

É no planalto da cidade de Vila Nova de Foz Côa que se encontra o último nível bem conservado da Meseta para ocidente. Esta parece terminar aqui abruptamente. O que encontramos no terreno é um degrau de direcção NNE-SSW que segue o rio do Vale da Vila, passa junto ao Graben de Longroiva e continua a Este das povoações de Marialva e Rabaçal. Estamos perante o alinhamento do “Rebordo Ocidental da Meseta” (Ferreira 1971, 1978; Ribeiro 1991).

“ De uma maneira simplificada podemos dizer que há, entre estas duas unidades do relevo, [*a Meseta e os Planaltos Centrais*]³ um ou mais degraus intermédios, estreitos, cortados por acidentes oblíquos, que se concentram em certas áreas, facilitando o trabalho erosivo dos cursos de água, ou provocando mesmo abatimentos locais (...). O desnível total entre a superfície da Meseta e os planaltos centrais, tanto quanto permite afirmar o estado de conservação da superfície alta, poderá cifrar-se em cerca de 300 metros a proximidade do contacto” (Ferreira 1978:84).

Ao contrário da planura da Meseta, os planaltos centrais possuem um relevo acidentado, e os níveis de aplanamento surgem a diferentes altitudes, em grande medida consequência da tectónica rígida e da erosão diferencial, “ (...) relacionadas com o encaixe do Douro e dos seus principais afluentes da margem esquerda” (Ribeiro 1991:7). O que interessa referir é que apesar da sua maior diversidade morfológica, os planaltos centrais constituem o prolongamento da Meseta para oeste. A planitude continua mas inserida em níveis mais elevados, num relevo mais movimentado e geomorfologicamente pouco nítido, até se atingir um outro domínio morfológico, este sim, completamente diferente da Meseta, as montanhas ocidentais.

² Além das cristas quartzíticas e dos afloramentos de quartzo, a superfície da Meseta também é pontuada por pequenas elevações de granito mais fino ou corneanas. Para uma discussão sobre este assunto ver António de Brum Ferreira, 1978, especialmente as páginas 59 a 61.

³ O itálico e o negrito são nossos. Apenas queremos valorizar a ideia de que em termos geomorfológicos, estas duas unidades do relevo, são estruturantes na organização do território.



Figura 3. Vale do Côa, degrau da meseta a Este do rio Côa e ao longe os picos quartzíticos da Serra da Marofa.

A rede hidrográfica desta região pertence em exclusivo à bacia do Douro. Este é o rio mais caudaloso e o que drena a bacia mais extensa de toda a Península Ibérica. Na organização da drenagem parece ser evidente uma adaptação dos cursos de água à rede de fracturas. Este fenómeno torna-se visível no rio Torto e na ribeira da Teja enquanto se mantêm em terrenos graníticos. Ao entrarem no complexo xisto-grauváquico os seus cursos parecem libertar-se daquela adaptação. O traçado do rio Torto⁴ torna-se bastante mais sinuoso do que a ribeira da Teja, embora os dois cursos de água façam alguns meandros.

De uma forma muito sintética a região que nos ocupa possui um conjunto de características muito particulares; abrange o espaço geomorfológico de intersecção entre a grande planície da meseta e os planaltos e montanhas centrais e é atravessada no sentido Este/Oeste pelo rio Douro. A existência de linhas de água de dimensão média, como a ribeira de Aguiar, o rio Côa, a ribeira da Teja e o rio Torto todos correndo de Sul para Norte e o rio Sabor e o Tua de Norte para Sul, todos desaguardo no Douro, também particulariza este território ao nível de grandes vias de circulação, quer de matérias-primas e produtos acabados, quer de pessoas.

2. A Paisagem e os Sítios

Descrito de uma forma muito breve e sem grande problematização ao nível da sua arqueologia o território no qual nos movemos, voltemos às questões colocadas na introdução. Que sítios arqueológicos existem? Onde estão implantados? Que materiais possuem?

⁴ Brum Ferreira avança com uma explicação para a extrema sinuosidade deste rio, além do abandono dos terrenos graníticos; "(...) todavia, este curso parece estar condicionado pela estrutura (...) não somente o traçado é paralelo às bancadas xistosas, como parece existir um estreito graben que o Torto terá aproveitado, e no fundo do qual meandriza" (1978: 130).

Antes de passarmos à cartografia dos sítios identificados, impõe-se algumas observações prévias: a base de análise engloba os trabalhos de prospecção de Sá Coixão (1996, 2009), Sabino Perestrelo (2002) e João Muralha Cardoso (2010) a Sul do Rio Douro e os elementos constantes dos relatórios de trabalhos de minimização de impactos no IP2 (inf. pessoal de João Albergaria) e EN 222 e 332 (Pina 2009, 2010) e o relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa (VV.AA. 2001). As poucas referências existentes a Norte deste mesmo rio explicam-se pela existência de outras duas comunicações havidas nesta mesa-redonda; Alexandra Vieira sobre Trás-os-Montes e Rita Gaspar e colaboradores sobre os trabalhos ainda em curso na área de impacte da construção da barragem do rio Sabor. Desta forma os sítios considerados neste trabalho são estações arqueológicas escavadas e/ou em processo de escavação e todos os outros locais que através da prospecção e/ou publicação identificam claramente materiais da idade do bronze.

Por último queremos lembrar que a indexação de sítios arqueológicos a uma determinada época "cultural" é baseada nas materialidades desses sítios e na experiência de prospecção contínua numa determinada região. Reflectir sobre paisagens implica não só uma acção continuada no terreno como um trabalho à escala da própria paisagem. A representação cartográfica seguinte refere apenas estes locais.

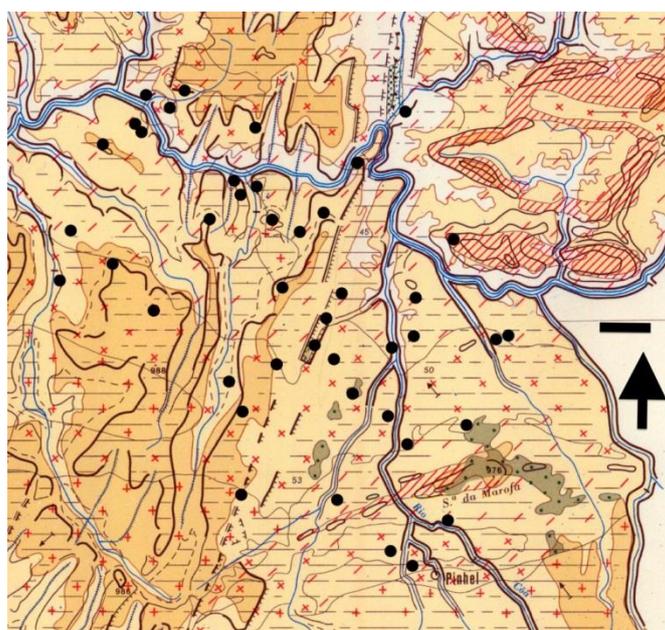


Figura 4: Cartografia de sítios arqueológicos da Idade do Bronze. Base cartográfica: Mapa Geomorfológico de Portugal, Centro de Estudos Geográficos, 1980. Optámos por não numerar os sítios arqueológicos, pois o ruído provocado por esta informação iria tornar o mapa uma mancha bastante difusa de pontos e números. O que se pretende é mostrar a percepção de ocupação dos sítios arqueológicos da Idade do Bronze. A seta indica o Norte e o segmento de recta que representa a escala tem 5km.

Nesta mancha estão cartografados 43 sítios arqueológicos. A escala do mapa e dos respectivos pontos não nos permite grande reflexão, mas podemos produzir algumas observações um tanto ou quanto óbvias.

Parece existir uma atração pelas linhas de água, especialmente pelo rio Douro, onde se detecta uma concentração de sítios arqueológicos. Outra área interessante relaciona-se à grande depressão de Longroiva e Vilarica, fazendo com o rio Douro uma espécie de eixo cartesiano de ocupação. Outra área importante é aquela junto ao rio Côa, embora esta zona tenha sido alvo de intensa prospecção nos últimos anos, quer pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa, quer por António Sá Coixão. A Norte o vazio existente entre os rios Douro e Sabor não é real, pois julgamos que os trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos na bacia do Sabor pelos arqueólogos que procedem aos trabalhos de minimização de impactes no empreendimento da construção da Barragem do Baixo Sabor, têm produzido resultados interessantes. O vazio a Sudoeste representa a lacuna de prospecção nessa área, trabalho que queremos desenvolver nos próximos anos. Por último gostaríamos apenas de referir que em alguns dos sítios que apenas visitamos uma vez, caso dos locais nos concelhos de Carraceda de Ansiães e Pinhel, tivemos em linha de conta as publicações consultadas e a nomenclatura utilizada pelos respectivos autores, quer no tocante à cronologia usada, quer relativamente ao tipo de sítio (ver quadro 2).

Tentemos adicionar ao mapa, outras leituras que a construção de gráficos nos possibilita. Estas outras leituras foram proporcionadas pelos quadros que se encontram no final deste artigo onde se tentou sintetizar a informação existente respeitante à Idade do Bronze no território que aqui tratamos.

Começemos pelo tipo de acção arqueológica. O próximo gráfico mostra-nos em termos percentuais a forma como os 43 sítios arqueológicos foram identificados e indexados a um determinado período cronológico.

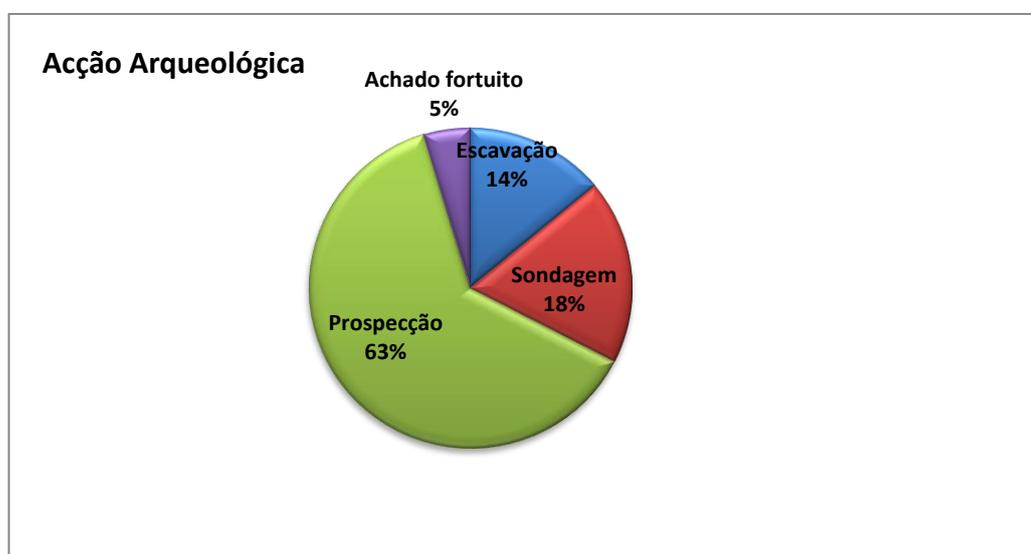


Gráfico 1: Tipos de acção arqueológica sobre os sítios arqueológicos.

Ressalta imediatamente os 63% daqueles identificados em prospecção. O somatório dos sítios escavados com os sondados ocupa cerca de 1/3 do total. Os 5% dos achados fortuitos relacionam-se à estela de Longroiva e à estátua-menir de Ataúdes. A observação mais relevante a fazer, remete-nos para uma cautela interpretativa; comparar sítios com escalas de investigação diferentes, desde a identificação de um sítio através da prospecção e das materialidades que aí encontramos, até ao local completamente escavado (Castelo Velho de

Freixo de Numão) ou onde as escavações ainda decorrem (Castanheiro do Vento, Castro de São Jorges), ou ainda sítios que foram intervencionados ao nível da sondagem (Castelo Velho da Meda, Castelo do Nunes, entre outros) torna-se um exercício onde a cautela deve imperar. No entanto, estas diferentes escalas de trabalho são precisamente a nossa escala. O nosso tempo de interpretação é esta variabilidade de escalas investigativas dos diversos sítios.

Continuemos com questões relativas à ocupação cronológica dos sítios.

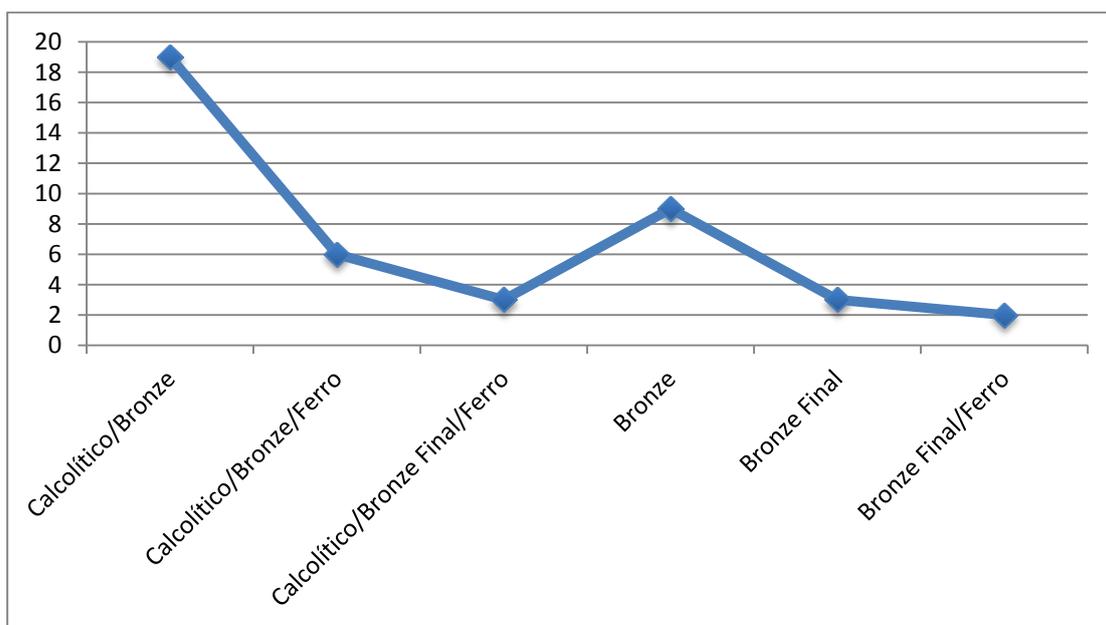


Gráfico 2. Cronologia dos sítios arqueológicos.

Dos 43 sítios identificados, 19 (44%) têm uma continuidade ocupacional exclusiva entre o Calcólítico e a Idade do Bronze. 6 Locais (14%) apresentam uma ocupação continuada entre o Calcólítico e a Idade do Bronze e Idade do Ferro, embora neste caso não se consiga especificar qual a cronologia da ocupação do Bronze, e destes, 3 sítios (7%) possuem uma ocupação no calcólítico e posteriormente no Bronze Final; todos implantados em cumeadas com forte presença na paisagem (Castelão e Chão do Marganho em São João da Pesqueira e Nossa Senhora de Urros em Torre de Moncorvo). Os 8 sítios (18%) identificados como tendo uma ocupação no Bronze Final (independentemente de outras ocupações), não contêm uma ocupação do chamado Bronze antigo/médio. Dois locais com o seu início de ocupação no Bronze Final têm continuidade para a Idade do Ferro (Castelo da Senhora de Monforte em Figueira de Castelo Rodrigo e o Castelo dos Mouros em Pinhel), não contando com outros três (Castelão e Chão do Marganho em São João da Pesqueira e Nossa Senhora de Urros em Torre de Moncorvo) que começam a ser ocupados no 3º milénio a.C., tendo ocupação, como já vimos, no Bronze Final e posteriormente na Idade do Ferro.

Em toda esta área, a continuidade ocupacional existe do 3º milénio a.C. para o 2º milénio a.C., em 58% dos sítios arqueológicos aqui tratados. Excluímos desta percentagem aqueles sítios ocupados no chamado Calcólítico e posteriormente ocupados no Bronze Final, onde claramente existe um hiato temporal na sua ocupação.

Passemos às implantações geomorfológicas que definimos para os sítios.

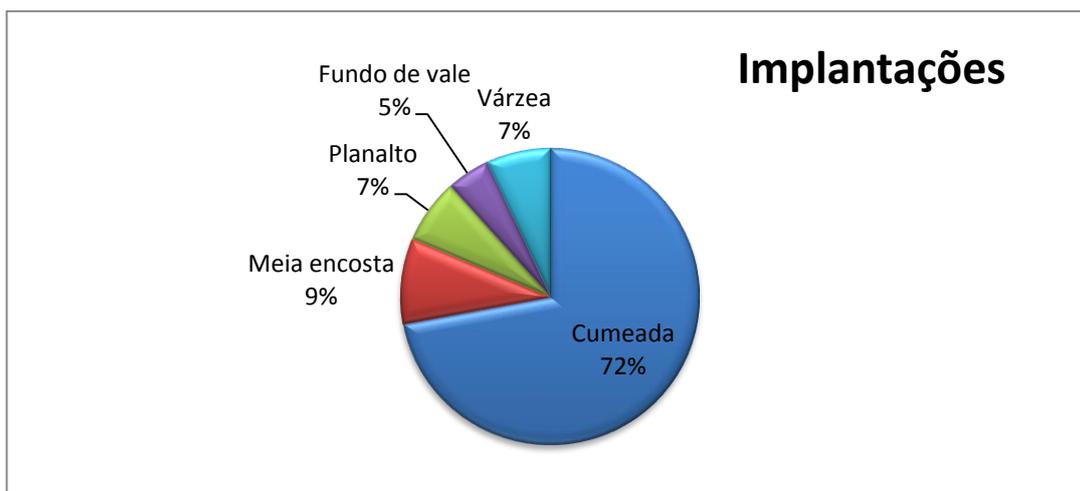


Gráfico 3. Implantação dos sítios arqueológicos.

É evidente o predomínio que os sítios localizados em cumeadas detêm. Praticamente 3/4 dos locais identificados localizam-se em sítios de altura e na sua grande maioria, em implantações que visualmente dominam parcelas importantes do território. Os sítios implantados a meia encosta também usufruem de um domínio visual muito acentuado (especialmente Santa Bárbara de Valflor na Meda). Os sítios de planalto e de fundo de vale apresentam uma característica muito interessante; a prospecção identificou locais com alguma quantidade de materiais arqueológicos (Salto do Boi e Canada da Ortiga) e as sondagens efectuadas em Freixo de Numão (área urbana) e Olga Grande 6, também ofereceram materiais em grande quantidade. A única excepção é Pero Martins 54.

Em termos de categorias, estas seguem trabalhos anteriores, onde foram amplamente discutidas e reflectidas (Muralha Cardoso 2010, prelo a, prelo b). É importante referir que estas categorias tentavam alterar uma dinâmica interpretativa que olhava os sítios do 3 milénio e primeira metade do 2º a.C. em termos de "povoados fortificados" e "povoados abertos". Nas publicações já citadas propunham-se cinco grandes categorias; recintos, especificidades geomorfológicas com ocupação, sítios sem delimitação estrutural, abrigos e arte. Para este trabalho apenas deixámos cair a categoria arte, por ser objecto de uma outra intervenção no colóquio que deu origem a este artigo. O próximo gráfico tenta ilustrar a divisão por categorias, não considerando a cista da Senhora de Lurdes e os achados fortuitos.

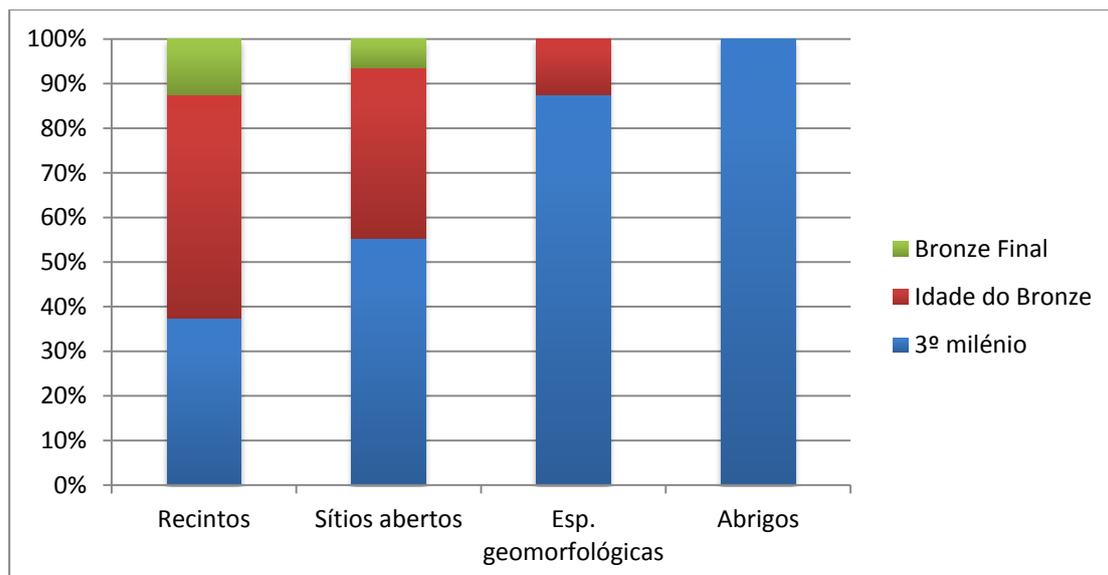


Gráfico 4. Relação entre cronologia e categoria de sítios.

A primeira grande observação relaciona-se às próprias categorias identificadas. Das quatro categorias encontradas para uma ocupação do território no 3º milénio e primeira metade do 2º a.C. apenas encontramos três; os recintos, os sítios abertos ou sítios sem delimitação estrutural e as especificidades geomorfológicas com ocupação. Este último caso corresponde ao Alto de Santa Eufémia (Vila Nova de Foz Côa) e à senhora de Urros (Torre de Moncorvo). No primeiro local foi encontrado um vaso cogeces durante a abertura de um caminho. O topo deste monte cónico foi alvo de uma escavação no âmbito da instalação de uma antena e os raros vestígios encontrados encontravam-se muito destruídos, impossibilitando qualquer marcador cronológico. A senhora de Urros caracteriza-se por estar implantada numa grande crista quartzítica sob o rio Douro com uma forte componente impositiva na paisagem. Foi igualmente objecto de escavações cujos resultados foram parcelarmente publicados (Martins 2008).

Olhando para o gráfico vemos que a divisão das categorias recintos e sítios sem delimitação estrutural é aparentemente muito semelhante. Dos sítios exclusivos do 3º milénio, para aqueles do Bronze nota-se um aumento dos locais arqueológicos em áreas abertas sem delimitação estrutural. Por outro lado, a paisagem no 3º milénio parece estar ocupada de uma forma mais englobante. As estações arqueológicas hoje encontradas existem ao longo da paisagem. Em locais que contemplam todos os aspectos geomorfológicos de um território. Todos os abrigos com materialidades indexadas ao calcolítico, parecem não ser utilizados na Idade do Bronze e os materiais encontrados no topo das grandes especificidades geomorfológicas avistáveis por toda a paisagem, parecem deixar de ter qualquer papel, pelo menos ao nível da sua efectiva ocupação. Se olharmos igualmente para o tipo de ocupação do Bronze Final, esta parece restringir-se aos recintos e aos sítios abertos, com um predomínio do primeiro. A retracção de uma ocupação total da paisagem parece ser um processo em continuidade desde o 3º milénio a.C. mas ao mesmo tempo parece representar uma descontinuidade na forma de estar, de habitar a paisagem.

É importante ainda fazer uma observação referente aos sítios abertos. Dos 18 locais identificados como não tendo qualquer delimitação de carácter antrópico/estrutural, 7 detêm uma demarcação de carácter topográfico/geográfico; conjunto de grandes blocos de granito,

depressões no topo das cumeadas e afloramentos geológicos, representando 39% do total destes sítios.

Uma terceira constatação alude ao facto de quase todos os sítios que surgem na Idade do Bronze (exceptuando aqueles que surgem no Bronze Final), sem qualquer tipo de ocupação anterior, são locais sem delimitação estrutural, são sítios abertos e apenas três deles possuem uma delimitação de carácter topográfico/geográfico. A única excepção é o Castelo Velho de Seixas (Vila Nova de Foz Côa).

Estaremos perante uma descontinuidade em termos de ocupação desta área?

Ao longo de todo o 3º milénio a.C. na região aqui tratada, a ocupação no Norte da Beira Interior e Alto Douro é relativamente bem conhecida, pelo menos ao nível da identificação de sítios arqueológicos através da prospecção arqueológica (Muralha Cardoso 2010, prelo b; Coixão 1996 e Coixão, Cruz, Simão 2009).

A reflexão feita incidia particularmente na paisagem. A paisagem como um ponto de referência e um objectivo contextual. Partíamos do princípio de que o mundo onde os homens viviam não é simplesmente um cenário para a sua acção quotidiana, nem um palco de obtenção de bens essenciais, mas sim é integral e incorporando toda a actividade humana. O pensar os sítios e as suas implantações geomorfológicas e as materialidades encontradas através das paisagens, torna esta reflexão mais social. Ao olharmos e pensarmos a paisagem e tudo o que encontramos nela com uma dimensão social, novos caminhos se poderão abrir no campo da reflexão e interpretação. Pensar sobre paisagens envolve formas nas quais as pessoas dividem o mundo, o seu mundo, em territórios, em áreas culturalmente reguladas, em lugares apropriados a determinadas condutas, a determinadas pessoas ou reservados a comunidades específicas. Uma paisagem não fixa, não unidimensional, uma paisagem percorrida e constantemente ocupada. Neste quadro de reflexão e interpretação o território e as constantes mobilidades que aí existem adquirem o valor de dado arqueológico. Um dos objectivos desse trabalho (Muralha Cardoso 2010), consistia na procura da acção num território, uma acção que utiliza um espaço tridimensional para se movimentar. Essa movimentação relacionava-se e interligava-se às espacialidades componentes de um território; os vales, os rios, os seus meandros, os percursos entre abrigos, as subidas às cumeadas. A paisagem torna-se desta forma um lugar constante de acção, como os recintos, os sítios abertos, os abrigos que agora categorizamos.

A definição destas categorias foi já objecto de discussão e publicação (Muralha Cardoso 2010: 330/337). Apenas relembramos as suas linhas gerais para melhor reflexão e comparação: os recintos são sítios, de cumeadas, delimitados por uma ou mais linhas de muretes que apresentam interrupções (passagens, estruturas subcirculares incorporadas); as especificidades geomorfológicas são locais proeminentes e impositivos na paisagem, podem corresponder a uma característica geológica ou geomorfológica do terreno (cristas quartzíticas, formações graníticas tipo tor, ou colinas de formato cónico), têm poucas materialidades e estruturas efémeras; os sítios sem delimitação estrutural não apresentam estruturas de tipo positivo ou negativo que os circunscrevam (muretes, valados ou fossos), localizam-se maioritariamente em áreas abertas (vales abertos, várzeas) mas também existem em vales mais fechados e estão próximos a linhas de água e/ou nascentes, alguns locais estão implantados em áreas marcadas por evidências geológicas e/ou morfológicas do terreno, caso de grandes blocos de granito, ou pequenas elevações e plataformas; os abrigos são geralmente afloramentos rochosos que delimitam espaços abrigados.

Ao longo do 3º milénio e primeira metade do 2º milénio a. C. os recintos apresentavam uma grande homogeneidade à escala de um território. Encontravam-se perfeitamente

implantados na paisagem constituindo-se como parte de um contexto global. Sugerimos um conjunto variado de papéis para esta categoria de sítios; a sua implantação parece "encaminhar" estes lugares para vários pontos da paisagem, embora em alguns destes locais, esta se apresente difusa, abstracta. Todo o trabalho de configuração, de manutenção destes lugares, parece envolver tempos específicos, temporalidades pensadas que prefiguram um papel de carácter mais identitário entre essa comunidade. De uma forma sintética, possuiriam uma acção estruturadora de uma ou várias comunidades, onde poderiam acontecer negociações, obtenção de consensos, que organizariam uma vida mais comunitária.



Figura 5. O recinto de Castanheiro do Vento visto de Norte (Vila Nova de Foz Côa).

Os sítios sem delimitação estrutural parecem ter outro tipo de sentido na paisagem. A sua implantação não parece obedecer a características englobantes. As relações que mantinham com as características da paisagem não eram homogéneas, levando-nos a sugerir que o que terá presidido à sua implantação não terá sido a paisagem como contexto global. Por outro lado, são sítios que apresentam poucas estruturas e muitas materialidades, realidade que poderá mudar após publicação dos resultados obtidos no sítio do Fumo pela equipa que nos últimos anos apresentou um projecto de investigação sobre aquele lugar. Apesar desses futuros resultados, a investigação terá que contemplar estes sítios em ordem à sua escavação para detectar outras arquitecturas, outros elementos configurativos, relacionando a sua implantação com as suas materialidades, problematizando, questionando, reflectindo.



Figura 6. Sítio sem delimitação estrutural do Fumo (Vila Nova de Foz Côa).

Nas especificidades geomorfológicas a situação era semelhante aos recintos. A relação com a paisagem era igualmente englobante, mas "visualmente" diferente. A visibilidade da categoria "especificidade geomorfológica com ocupação" com outros sítios existe mas sempre indistinta, ao contrário da visibilidade que se tem dos outros locais para estas especificidades. Parecem pontuar a paisagem de uma forma cadenciada. Os trabalhos feitos nestes locais apontam para a existência de alguns materiais, mas cuja maioria se pode indexar ao 3º milénio a.C.

Tendo em conta o trabalho já citado (Muralha Cardoso 2010), os abrigos apresentavam uma forte dissonância relativamente às outras categorias, pois aparentavam ter uma relação mais parcelar, no caso mais associado a linhas de água.

Tendo em consideração os dados referidos acima e as definições apresentadas, podemos ensaiar uma resposta à questão anteriormente colocada; estaremos perante uma descontinuidade em termos de ocupação, nesta área, neste território?

Os recintos parecem continuar a ter o mesmo tipo de papel que possuíam durante o 3º milénio a.C. A sua implantação parece estar em conexão com vários pontos na paisagem, localizam-se em áreas que dominam a paisagem, não no sentido de controlo económico de um território, mas sim num sentido de percepção desse mesmo território. A paisagem que observam é uma paisagem constantemente percorrida, habitada, poderemos associá-la a um elemento identitário dessa comunidade que se corporiza no próprio lugar, no recinto, ao nível das suas constantes reformulações e configurações (Jorge 2005, Muralha Cardoso 2010). Como já referimos;

"A mobilidade na paisagem associada às tarefas desempenhadas no sítio reforçariam os laços de uma comunidade entre si e entre uma paisagem, um território. As tarefas construtivas são ao mesmo tempo tarefas sociais e temporais, pois são desempenhadas pela comunidade em determinados tempos. A acção estruturadora do sítio seria ao mesmo tempo uma acção construtora da própria comunidade. Uma comunidade bastante móvel, lassa que se reuniria neste sítios onde acções da ordem

do social poderiam acontecer: negociações, obtenção de consensos, reformulações e manutenção do lugar." (Muralha Cardoso, prelo b)

Estes tempos específicos parecem ter acontecido ao longo do 3º milénio a.C. e primeira metade do 2º, como iremos ver um pouco mais detalhadamente no ponto seguinte deste trabalho.

As especificidades geomorfológicas acentuariam esse papel identitário de uma comunidade e com o território. Polarizariam áreas e mobilidades e integrariam ainda mais essa comunidade no, cada vez mais seu, território. Os percursos feitos para atingir o seu topo permitem uma aproximação visual ao território que uma comunidade começa a sentir como seu, de uma forma diferente das populações do IV milénio A.C. e que, cada vez mais nos parece, será diferente das populações de finais do II milénio A.C. As materialidades encontradas nestes locais, apesar de escassas, podem ser indexadas ao 3º milénio, são cerâmicas maioritariamente sem decoração, mas quando são decoradas, são-no exclusivamente com decoração impressa penteada, são elementos de mós (dormentes e moventes) sempre fragmentados e material lítico, percutores, seixos, alguns termoclastos, lascas com e sem retoque e raspadeiras. Não surgem elementos materiais que possamos apontar para cronologias mais recentes. As únicas excepções são a Senhora de Urros (Torre de Moncorvo) e Santa Eufémia (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) onde, nesta última, foi encontrado um vaso "cogeces". Foi por esta razão que categorizamos este local como achado isolado e não especificidade geomorfológica com ocupação. Poderemos sugerir assim que o papel que este tipo de locais ocupados desempenhavam, foi perdendo importância no final do 3º milénio a. C., e ao longo do 2º milénio se alterou completamente. Muitos destes locais deixam de ser ocupados e aqueles que continuam, passam a sê-lo de uma forma mais intensa.

Os sítios sem delimitação estrutural estão implantados ao longo da paisagem, têm uma relação próxima a vales abertos, linhas de água e várzeas. Teremos de os olhar como pontos ao longo de caminhos e não pontos centrais. Considerando-os desta forma, estamos a olhá-los como contextos relacionais de compromisso com a paisagem (Barrett 1994, McFadyen 2010, Muralha Cardoso 2010). Como já referimos, futuramente a investigação terá que contemplar estes sítios em ordem à sua escavação para tentarmos caracterizá-los e reflectirmos sobre a sua implantação e materialidades. Que tipo de estruturas possuem, que materiais, que dinâmicas arquitecturais conseguimos encontrar?

Uma questão importante que se coloca relaciona-se ao papel que estes sítios poderão ter desempenhado ao longo do 2º milénio a.C. e mesmo no chamado Bronze Final.

Os abrigos parecem deixar de ser ocupados. O trabalho que se tem feito no âmbito da prospecção não tem identificado este tipo de ocupação com as materialidades que os possam indexar à Idade do Bronze. Talvez em áreas onde os trabalhos de campo não têm sido tão intensivos, esta situação se possa alterar. O seu papel na paisagem que no 3º milénio era muito semelhante aos sítios abertos parece desaparecer. Será que são substituídos por estes últimos? O que nos parece é que a mobilidade na paisagem, tão visível nesta área, parece dissipar-se ao longo do 2º milénio a.C. Será que este processo traduz uma invisibilidade deste tipo de ocupação, ou uma outra forma de estar na paisagem?

Poderemos agora elaborar discursos sobre continuidades e descontinuidades? Continuemos a questionar; que sítios arqueológicos se mantêm ao longo deste processo? Que implantação possuem? Que materialidades? Que contextos? O que nos dizem os dados, o registo?

3. Os discursos possíveis

A resposta às questões, efectuadas no final do ponto anterior, remetem-nos para uma reflexão que à partida se encontra povoada de alguns problemas. Pensamos imediatamente na questão dos processos de investigação existentes na área que nos propusemos abordar. Construir um discurso onde alguns dos sítios arqueológicos se encontram escavados, outros apenas sondados e ainda outros apenas identificados em trabalho de campo, afigura-se desigual. As materialidades encontradas revestem-se de várias escalas de reflexão onde existe uma certa incompatibilidade reflexiva entre elas. Os contextos são desta forma díspares. Por outro lado a questão proposta pela organização desta mesa-redonda; os critérios de periodização (continuidades e descontinuidades), tendo como base a dinâmica das materialidades, levanta desde logo, outro tipo de problemas, entre eles a questão das temporalidades. Se assentarmos o nosso discurso no tempo longo, nas paisagens, nos sítios, hoje arqueológicos e na sua implantação e localização nessa paisagem, esta reflexão oferece-nos um determinado grau de percepção relativamente às continuidades ou rupturas existentes. Se olharmos para as materialidades e a partir daí tentarmos encontrar os tais critérios de periodização baseados nas continuidades e descontinuidades iremos encontrar, talvez, uma outra percepção sobre aquilo que se convencionou chamar Idade do Bronze.

Na tentativa de ultrapassar este problema de escalas e de percepções, julgamos nós, a organização solicitou que no quadro das materialidades se desse particular ênfase aos contextos arquitectónicos enquanto espaços de acção social e negociação de poder. Com este critério a questão de escalas, aparentemente seria ultrapassada. A construção de um discurso poderia passar pela análise e reflexão de um sítio arqueológico, enquanto contentor de materiais e edificador de estruturas como poderia também passar pela observação de uma área geográfica mais ampla.

Tendo em consideração todas estas questões e condicionalismos optámos aqui por olhar o Alto Douro primeiro numa perspectiva ampla, de um território, de uma paisagem e depois mudar de escala, e olhar os sítios, onde estão implantados, que dinâmicas ocupacionais encerram, que contextos e materialidades possuem. Só desta forma e para este território poderemos questionar e reflectir, poderemos ensaiar respostas, propor outras perguntas e que este permanente saltar de escalas nos permita sugerir interpretações e discursos e fazer avançar a investigação.

É comumente aceite para a Beira Interior, Alto Douro e Sul de Trás-os-Montes que o Bronze antigo e médio tenha uma baliza cronológica entre 2300 A.C. e 1300/1200 A.C. e o Bronze Final 1300/1200 A.C. e 700 A.C.

Dentro destas balizas cronológicas podemos afirmar a grande continuidade ocupacional entre o 3º milénio e primeira metade do 2º AC. 65% dos sítios continuam a ser ocupados entre o chamado Calcolítico e a Idade do Bronze antiga e média. 7% são ocupados no 3º milénio AC e depois no Bronze Final. No tempo longo e ao longo destes 1500 anos não parece existir alguma ruptura. No entanto se descermos de escala e olharmos os sítios, notamos que essa continuidade existe ao nível do lugar que é o sítio arqueológico, mas não existe ao nível do pormenor arquitectural. Dos sítios até hoje escavados, e especialmente em Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), detecta-se uma constante configuração das estruturas e do *design* do sítio. Enquanto existem estruturas que se mantêm ao longo de todo

o 3º milénio e primeira metade do 2º AC, outras sofrem profundas alterações ao longo da chamada Idade do Bronze antiga e mesmo do Bronze médio (Muralha Cardoso 2010).

Voltemos ao início deste artigo e à questão das continuidades ou discontinuidades culturais. Recuperemos a problemática; até que ponto a investigação deste período, no território que abordamos, produziu um conjunto de materialidades que hoje nos permite refletir sobre a dinâmica inerente a um discurso baseado nos objetos. Que objectos são e o que nos podem dizer?

Por um lado temos um conjunto de achados fortuitos que nos fazem entrever dinâmicas diferenciadas do 3º milénio a.C. As alabardas tipo carrapatas de Vale Bemfeito (Macedo de Cavaleiros, Bragança), a estátua menir de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) e a estela de Longroiva (Meda, Guarda). O primeiro conjunto de materiais, as alabardas tipo carrapatas, foram datadas de 2200-1700 a.C. no catálogo da Exposição sobre a Idade do Bronze em Portugal (1995). Na respectiva entrada sobre este tipo de materiais (Sanches 1995: 29-30), a autora refere a possibilidade de as alabardas de Vale Bemfeito serem consideradas como "(...) deposições rituais e/ou esconderijos" (1995: 29), já que não se conhece o contexto do seu achado. Baseia a sua opinião num outro achado, as alabardas de Abreiro que surgiram numa fenda de uma rocha junto a uma linha de água (Bartholo 1959, citado por Sanches 1995: 29). Este tipo de materialidade coloca alguns problemas; por um lado o facto de todos estes achados nunca terem sido datados directamente, nem terem sido encontrados em posição estratigráfica em contexto arqueológico. Todos os autores apontando o bronze antigo (alguns referem de tradição campaniforme) estão a datar este tipo de materiais entre 2200 e 1700 a.C. (ver Sanches 1995: 29 e os autores citados).



Figura 7. Alabardas tipo Carrapatas de Vale Bemfeito, Macedo de Cavaleiros (in Catálogo da exposição A idade do Bronze em Portugal, 1995: 30).

A estátua menir de Ataúdes foi interpretada pelos autores da sua identificação como sendo de um momento avançado do Bronze antigo, transição para o médio, finais do 1º-2º quartel do 2º milénio a.C. (Vilaça, Cruz, Santos, Marques 2001). Propõe esta cronologia com base no elemento espada. No âmbito das considerações propostas, os autores fazem uma reflexão sobre a localização do achado e a sua implantação no território. Localiza-se em terrenos alagadiços, próxima a linha de água e provavelmente junto ou próxima a caminhos, a vias de mobilidade. O interesse desta última ideia remete-nos para um papel de referência numa paisagem; seja para alguém, seja para algo. Outra ideia importante relaciona-se à

"função" protectora que estas materialidades poderiam deter, aqui representada pelo armamento. Esta função poderia incidir sobre "bens específicos" e/ou sobre territórios. A paisagem continua a adquirir um valor interpretativo muito forte.

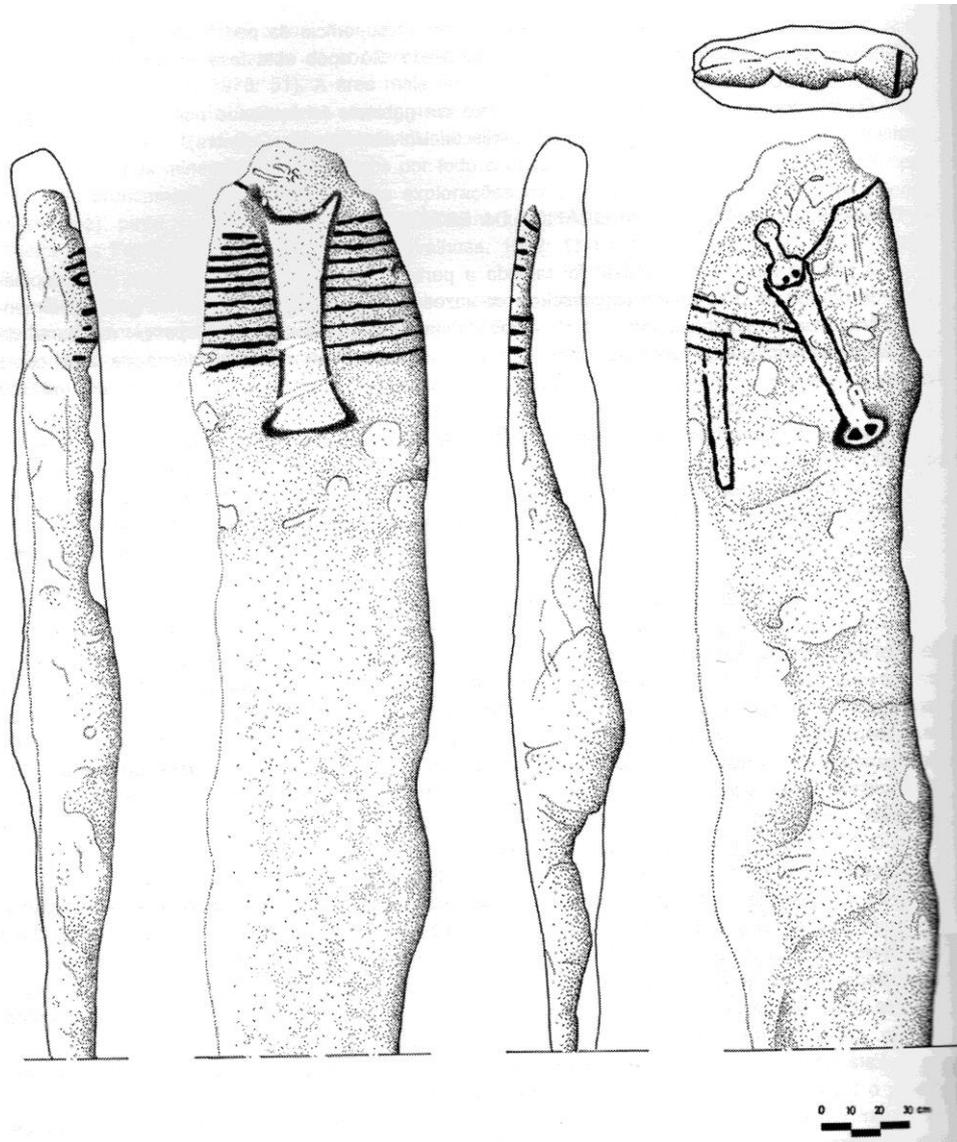


Figura 8. Estátua-menir de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo) – (desenho de José Luís Madeira in Vilaça e outros 2001: 74).

A estela de Longroiva é igualmente uma estela armada, possui uma alabarda de tipo Carrapatas, um arco e um punhal de lâmina triangular e é identificada num contexto muito semelhante à estátua-menir de Ataúdes. A sua datação deverá situar-se no Bronze antigo e as reflexões produzidas anteriormente, são igualmente válidas para a estela de Longroiva.



Figura 9. Estela de Longroiva, Meda (in Catálogo da exposição A idade do Bronze em Portugal, 1995:22, fotografia de José Pessoa, Arquivo Nacional de Fotografia). Tratamento informático do autor.

O segundo conjunto de materialidades relaciona-se aos materiais cerâmicos, encontrados e recolhidos em contexto de escavação ou prospecção. Enquanto grande parte do 3º milénio a.C. é muito caracterizado por uma cerâmica com decoração impressa penteada, no seu final e durante a primeira metade do 2º milénio a.C. esta situação parece modificar-se. Surgem novas cerâmicas; as cerâmicas com decoração "plástica", a cerâmica campaniforme e a cerâmica cogeces.

O quadro seguinte (agora actualizado em relação à comunicação oral) contempla todos os sítios que até ao momento ofereceram esses tipos de cerâmica.

Sítio	Decoração "plástica"	Campaniforme	Cogeces
Castanheiro do Vento*	X	X	X
Castelo Velho de Freixo de Numão*	X	X	X
Quinta de Alfarela	X		
Castelo de Numão	X		
Castro de São Jorges*	X		
Castelo Velho de Monte Meão	X		
Castelo Velho de Meda*	X		X
Montes	X		
Castelo do Nunes	X		
Quinta do Campo	X		
Alto da Lamigueira	X		
Freixo de Numão*	X		
Castelo Velho de Chãs / Tambores		X	
Castelão		X	
Alto de Santa Eufémia			X
Castelo dos Mouros			X
Fumo*			X
Baldoeiro*			X

* Refere-se a sítios escavados ou sondados.

Quadro 1. Tipos de materiais cerâmicos.

Percebe-se imediatamente que as cerâmicas com decoração "plástica" são a maioria, mas quando se procede a intervenções arqueológicas, tendem a surgir as cerâmicas cogeces. O que este quadro nos diz é que existe um conjunto de novas materialidades que surgem no final do 3º milénio a.C. Algumas, como aquelas com decoração "plástica", são em maior quantidade e parecem surgir no início da segunda metade do 2º milénio a.C. (Muralha 1996), outras são mais raras e apenas surgem em contexto de escavação, como a cerâmica campaniforme. Relembramos aqui a recolha de um pequeno fragmento de cerâmica campaniforme cordada em Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge 2002). As cerâmicas proto-Cogotas parecem unir esta área a um território que se estende pela meseta Norte, apesar de algumas diferenças

notadas a partir do estudo efectuado em cerâmicas cogeças de Castelo Velho de Freixo de Numão (Pereira 1999).

Voltando novamente ao início, apenas este indicador (os materiais) continua a parecer redutor para as múltiplas leituras que a arqueologia visibiliza. A paisagem, a mobilidade, os contextos arquitectónicos e a sua implantação geomorfológica, assumem-se como espaços de ação humana que eventualmente poderão trazer novas ideias e reflexões.

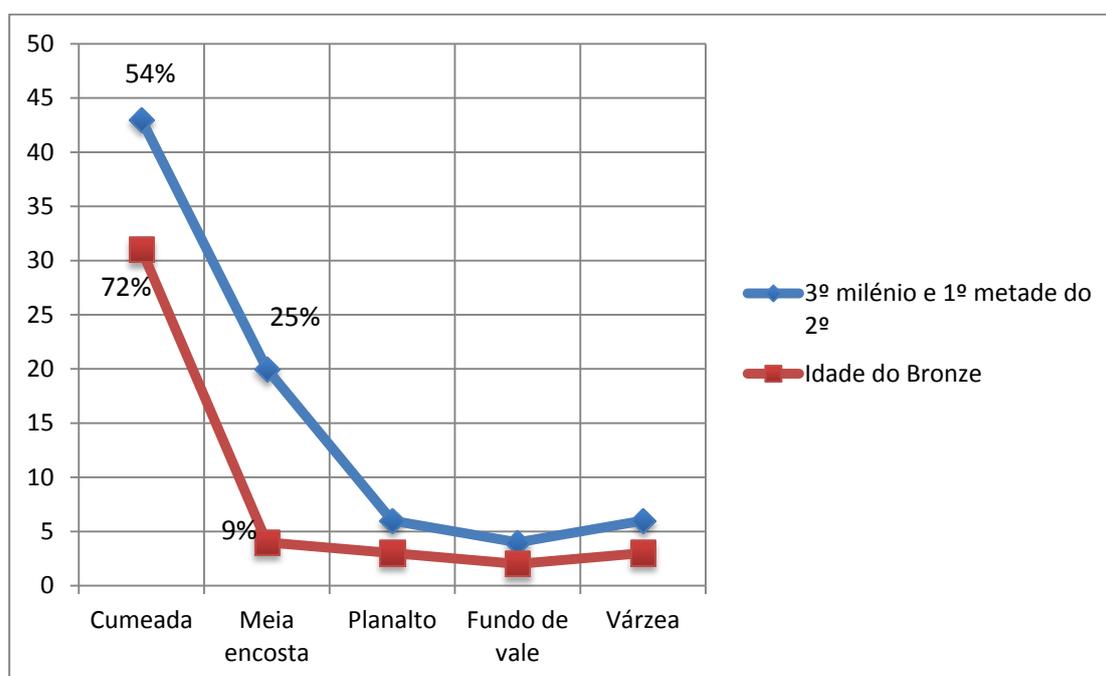


Gráfico 5. Relação entre cronologia e implantação dos sítios.

Se tornarmos a colocar os sítios na paisagem, olhamos para duas curvas muito semelhantes. A implantação dos sítios parece não ter mudado, existe uma certa continuidade, mas numa leitura mais atenta, encontramos uma alteração/ruptura significativa. Esta alteração está relacionada a novas formas dinâmicas de estruturação de um território. Na Idade do Bronze a implantação geomorfológica dos sítios arqueológicos altera-se. Os sítios de cumeada sobem percentualmente e os de meia encosta descem bastante. As percentagens do gráfico são explícitas. Parece existir uma concentração do tipo de ocupação em cumeadas, mas também, por outro lado, os sítios de meia encosta são maiores do que só aqueles que têm ocupação do chamado calcolítico. Este é um processo que acontece a diferentes escalas de um território (sítios de cumeada e sítios a meia encosta) e a diferentes temporalidades (alteração só visível no tempo longo – entre o final do 3º milénio a.C. e todo o 2º milénio a.C.).

Podemos desta forma referir que ao longo do 3º milénio a.C. temos uma realidade arqueológica que nos encaminha para uma grande diversidade de sítios, variáveis na sua implantação e distintos estruturalmente. São comunidades que continuamente habitam uma paisagem com grande grau de mobilidade. O que parece é que existe um processo de tempo longo, de identificação com um grupo e ao mesmo tempo com um território, de sedimentação de uma ordem e de um sentido de pertença.

Os sítios arqueológicos e a sua implantação, as suas estruturas, as suas materialidades são a visibilização das sociabilidades dessa (s) comunidade (s). Comunidades móveis, lassas, onde o poder parece estar ainda segmentado. O território do 3º milénio e da primeira metade do 2º milénio a.C. estrutura-se dinamicamente, ao mesmo tempo que as comunidades que o habitam se estruturam a elas próprias.

Este é um processo de tempo longo, de várias escalas, onde as diferentes acções numa paisagem total, as diferentes arquitecturas, sedimentam um território.

A paisagem da Idade do Bronze emerge deste 3º milénio a.C. O que temos então no último quartel desse milénio? Surgem novas cerâmicas em sítios antigos (Castelo Velho de Freixo de Numão, Castanheiro do Vento e Castelo Velho da Meda); surgem novos sítios com cerâmicas antigas e novas (Fumo) e surgem novos sítios com cerâmicas novas (Olga Grande 6). Detectam-se alterações (por vezes de pequena monta) nos sítios escavados e surgem raros materiais de excepção - machados de bronze em Castanheiro do Vento, cerâmica campaniforme cordada (um pequeno fragmento) em Castelo Velho de Freixo de Numão.

Esta situação parece manter-se ao longo de grande parte do 2º milénio a.C.

A grande diferença surge na forma como estes novos sítios estão na paisagem. Ou existe uma invisibilidade de muitos sítios arqueológicos, que as várias equipas de prospecção (ainda) não detectaram, ou ao longo do 2º milénio estas comunidades olham para a paisagem de uma forma diferente; deixam de ocupar abrigos, ocupam vestigialmente grandes cumeadas específicas da paisagem e outras são-no completamente ocupadas e quase que abandonam as meias encostas. Os materiais de excepção continuam a ser muito raros assim como o aparecimento de novos materiais.

Estas últimas afirmações remetem-nos para o conceito exposto no início deste artigo; a "complexidade social". E para a ideia comumente aceite de que no final do 2º milénio a.C. as comunidades apresentam sintomas de se estarem a tornar mais complexas, mais hierarquizadas. Como ler desta forma, no registo arqueológico, a "complexidade social"?

Que indicadores devemos utilizar? Desde há 30/40 anos que vários investigadores admitem que "complexidade", e mesmo intensificação, interação e hierarquização, expressam-se na progressiva visibilização das materialidades associadas ao poder, sobretudo na riqueza e diversidade de contextos sepulcrais, materiais de excepção e aparecimento de diferentes objetos; o fenómeno da complexidade social correlacionar-se-ia desta forma com novos e diferentes cenários de ações sociais que deixariam uma marca visível no registo arqueológico. É importante notar que nestes últimos 30/40 anos um discurso de pendor processualista vingou na interpretação do registo arqueológico, e são precisamente estes conceitos que no estudo da pré-história recente, definem muito aquela corrente teórica e interpretativa.

O território tratado neste artigo terá consigo estes indicadores que nos poderão conduzir a interpretações, onde conceitos como complexidade e hierarquização social estarão presentes? Ou, como já referimos, será que as leituras visibilizadas pela arqueologia poderão ser múltiplas e problematizantes, onde a permanente colocação de questões se torne um ponto essencial da investigação?

Os contextos funerários são quase inexistentes, apenas a cista da Senhora de Lurdes que os autores da escavação remetem para o bronze final, muito pobre em termos de espólio (apenas fragmentos cerâmicos) e sem qualquer indício de complexidade, pelo menos à maneira processual, poderá ser citada (Carvalho, Gomes 2002-2003). O extraordinário contexto com ossos humanos estudado em Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge 1998),

forneceu uma datação de radiocarbono, mas que devido ao seu elevado desvio padrão nos impede de a discutir aqui.

Por outro lado possuímos a estátua menir de Ataúdes e a estela de Longroiva. As estátuas menires/estelas são uma realidade presente nesta área, embora muito diferenciadas. No 3º milénio a.C. surgem estelas recolhidas em contexto de escavação. Em Castanheiro do Vento, aparecem em contextos muito diversificados, sempre no interior do sítio arqueológico, isto é intra-muretes e ao longo de todo o milénio. São contextos tão diversos como o interior de estruturas tipo bastião, como na oclusão de passagens, como em espaços não circunscritos por estruturas. São lajes de xisto afeiçoadas de formato rectangular e subrectangular, em muitos casos polidas ou são pequenos monólitos em granito igualmente afeiçoados, com uma face recta e uma outra convexa. Em qualquer dos casos o seu suporte pétreo não é local.

Em Cabeço da Mina surgem ao longo de toda a área de implantação do sítio arqueológico e extravasam para a paisagem aparecendo ao longo da encosta. Neste momento é importante recordar a implantação destes locais. Apesar de serem todos sítios de cumeada, Castanheiro do Vento e mesmo Castelo Velho de Freixo de Numão, onde também foram recolhidas estas estelas, estão implantados em locais de altitude, onde a observação da paisagem é feita de duas formas diferentes; numa forma indistinta, ao longe, onde existem vales, linhas de água e várzeas e de uma forma próxima, onde a aproximação ao sítio arqueológico é perfeitamente observada. As suas implantações não sendo impositivas, são marcantes. No Cabeço da Mina, a visibilidade é menos abrangente, conectável a um vale e várzea. A sua implantação, embora visível, não se impõe.

Ao colocarmos a estela de Longroiva e a estátua menir de Ataúdes, no bronze antigo/médio, facilmente reconhecemos uma forma diferente de estar na paisagem. As suas implantações geomorfológicas possuem um significado diferente. Localizam-se na paisagem, não a olham, apropriam-se do território, dos grandes vales abertos, das várzeas.

Estas materialidades parecem querer representar duas temporalidades diferentes de um território. Duas temporalidades que pertencem a um processo de apropriação de um território. As estelas que foram recolhidas em Castanheiro do Vento e Castelo Velho de Freixo de Numão parecem querer representar atitudes de uma comunidade, pois parecem ter um significado muito relacionado ao sítio arqueológico, à sua construção e constante alteração, à sedimentação de uma comunidade e à sua relação a um território, que embora percorrido, explorado, ainda é muito móvel e segmentário. As estelas de Cabeço da Mina são visíveis não só no sítio, no topo da cumeada, como ao longo de toda a encosta. Parecem sugerir um poder menos repartido, menos lasso e segmentado, atento à paisagem, mas não se apropriando dela.

A estela de Longroiva parece sugerir-nos um outro sentido: O local onde apareceu marca um centro de actividades associadas à terra, à agricultura. A sua implantação no centro dessa área parece marcar categoricamente esse espaço. A apropriação do território é cada vez mais efectiva. Por outro lado o conjunto de símbolos de que é portadora confere-lhe uma posição destacada, ou representando uma personagem da comunidade, ou representando a comunidade enquanto detentora de um espaço, que apesar de ter sido sempre deles, é agora efectivamente apropriado. O mesmo acontece com a estátua menir de Ataúdes, apropria um território, mesmo como marcador ou "protector" dessa área, representará uma implantação mais afirmativa, mais territorial.

Serão estes dados suficientes para se falar em "complexidade social", ou mesmo em "sociedades hierarquizadas"?

Novas materialidades a nível da decoração cerâmica, duas estátuas menires armadas, alguns, raros materiais de excepção, parece-nos muito pouco para iniciarmos discursos interpretativos onde as afirmações se baseiam em poucos indícios e em vestígios diferentemente estudados.

O discurso académico refere-nos a existência de fenómenos característicos do bronze antigo - os depósitos e circulação de metais. Para a região estudada possuímos apenas o depósito de Vale Bemfeito (Macedo de Cavaleiros) e atestamos a circulação de metais através de raros exemplares encontrados em escavações arqueológicas. No bronze médio, diz-nos este discurso, predominam os machados de bronze de tipo bujões-Barcelos, inexistentes na área estudada e as espadas, da qual conhecemos dois exemplares; a de Fornos de Algodres e de Castelo Bom (Guarda). Em termos de povoamento, no bronze antigo e médio, são referidas algumas descontinuidades. Aparecem novos povoados e dá-se uma estruturação e expansão do povoamento, visível em redes hierarquizadas que entram de forma sistemática em áreas até então não povoadas ou ocupadas permanentemente. Em síntese, no bronze antigo e médio estamos perante paisagens não completamente habitadas. Estas lacunas de povoamento vão sendo progressivamente ocupadas através da continuação de antigas áreas ocupadas e de outras novas que vão surgindo. Alguns autores falam de uma rede que se vai progressivamente apertando ao longo do 2º milénio (Jorge 1998).

Tendo em consideração o parágrafo anterior, e tendo em conta o trabalho de carácter arqueológico que se tem feito na área de trabalho em análise, o discurso possível, parece-nos, é o discurso do tempo longo, onde a paisagem adquire um papel essencial. Este discurso pode ser pontuado por interpretações de outra escala; os sítios arqueológicos, os materiais, as arquitecturas, os contextos.



Figura 10. Troço do Rio Côa, onde se pode ver ao centro, destacado na paisagem, o sítio do 3º milénio a.C. do Alto da Miteira (Figueira de Castelo Rodrigo) e do lado direito o Castelo dos Mouros (Pinhel) com ocupação do Bronze Final e Idade do Ferro.

Tendo como referência o 3º milénio, a "rede de povoamento" não se alarga, não conquista novos territórios, apenas se altera e se transforma. Uma alteração lenta e pouco visível na grande escala, na escala de uma paisagem. Uma alteração perceptível em transformações na forma de ocupação do espaço interno dos sítios arqueológicos; estruturas

que se fecham, outras abandonadas/ocluídas, outras que se conformam de formas diferentes, os elementos construtivos mantêm-se, a própria técnica de construção contínua igual. O que se percebe, nos sítios que até hoje foram escavados mais extensivamente (Castelo Velho de Freixo de Numão e especialmente Castanheiro do Vento), são mudanças pontuais no discurso arquitectónico. Torna-se claro que estas mudanças traduzirão uma forma diferente de organizar as sociabilidades de uma comunidade, mas isso não quer dizer que tenha existido uma ruptura de carácter social. Igualmente pontuais são os materiais de excepção que vão sendo recolhidos em escavações. Também aqui estes novos materiais indiciam contactos, especialmente medidos pela presença de cerâmica campaniforme e cogeces. Mas, mais uma vez e tendo em consideração as cerâmicas proto-Cogotas, estas novas materialidades, raras, não substituem as antigas, não se sobrepõem ao antigo universo material, são adoptadas e de um ponto de vista morfológico e decorativo não existem na sua totalidade (Pereira 1999: 106). Este facto traduzirá uma leitura de contactos regionais, ou mesmo supra regionais? Parece-nos que sim, e traduz igualmente a capacidade de estas comunidades se movimentarem, mas não no sentido de uma comunidade que assenta a sua base económica na mobilidade associada ao pastoreio, mas que possui, como as intervenções arqueológicas nos parecem dizer, uma base económica mais alargada, ligada à agricultura e também ao pastoreio. A apropriação de uma paisagem vai acontecendo, num processo estrutural, apenas visível no tempo longo. As alterações das sociabilidades eventualmente vão-se modificando e as sociedades do 3º milénio a.C., segmentárias, provavelmente com base em linhagens e estruturadas horizontalmente, por meio de grupos de parentesco, onde existia um poder lasso e diluído, vai-se transformando ao longo do 2º milénio a.C., para sociedade já estruturadas verticalmente onde começa, lentamente, a emergir algum tipo de hierarquia, e algum tipo de cenário social que ao mesmo tempo que consolida essa hierarquia, consolida igualmente o seu poder⁵ (Kuijt 2000a citado por Watkins 2009) Há indícios de novas e diferentes atitudes, não só perante o "poder", mas de "poder". Este processo pode ser visível através da já referida alteração das estelas, quer ao nível do seu tamanho e conseqüente mobilidade, quer ao nível da sua iconografia.

Neste momento parece configurar-se uma ruptura. A apropriação da paisagem é efectiva. Há novas formas de estar na paisagem. Os sítios deste território, no Bronze Final, apresentam uma descontinuidade. São novos lugares, nunca ocupados e são lugares que permitem uma ocupação continuada na Idade do Ferro (62%). Estes dados, poderão traduzir o culminar de um processo lento, estrutural de alterações sociais, que desemboca numa ruptura, na forma de habitar a paisagem e de ter e exercer o poder.

Será neste momento a reflexão mais interessante a fazer; a emergência do poder relacionado à paisagem, ao território, pois qualquer acção colectiva (num sentido de uma comunidade), está inscrita numa espacialidade, está inscrita num contexto e as sociabilidades do 3º milénio a.C. e primeira metade do 2º vão-se sedimentando e alterando indo confluír numa nova forma de estar na paisagem, numa nova forma de olhar um território, numa nova forma de práticas sociais que o final do 2º milénio a.C. nos parece trazer.

O Importante, agora é voltar ao campo, à prospecção e à escavação e tentar visibilizar no registo arqueológico novos e diferentes cenários de sociabilidades que nos permitam reflectir sobre acções estruturantes dessas comunidades e acima de tudo reflectir com mais e diferentes dados arqueológicos.

⁵ Estas sugestões foram discutidas por I. Kuijt relativamente ao Neolítico pré-cerâmico e cerâmico. Posteriormente Ian Hodder (2006) e Renfrew e Bahn (2008) reflectiram igualmente sobre este tipo de organização social. O primeiro tendo como referência o seu trabalho em Catalhoyuk (The Leopard's tale: Revealing the Mysteries of Turkey's Ancient "Town", London & New York, Thames & Hudson, e os segundos numa conhecida obra de síntese sobre teorias e métodos em arqueologia (Archaeology: Theories, Methods and Practice, London & New York, Thames & Hudson).

Bibliografia

- AUBRY, T.; CARVALHO, A. M., (1998) - O povoamento pré-histórico do Vale do Côa, síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). *Côavisão*, n.º 0, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 23-34.
- BARRETT, J. C., (1994) - Defining domestic space in the Bronze Age of Southern Britain. PEARSON, M.; RICHARDS, C. (ed.) - *Architecture and Order, Approaches to social space*. London: Routledge, pp. 87-97.
- CARVALHO, A. F. (2003) - O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 996-2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, volume 6, número 2, pp. 229-273.
- CARVALHO, A. F. (2004) - O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do PAVC). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, volume 7, número 1, pp. 185-219.
- CARVALHO, P. S.; COUTINHO, L. F. (2002-2003) - A Cista do Povoado da Senhora de Lurdes (São João da Pesqueira, Viseu). In *Estudos Pré-históricos*. Porto: CEPBA, vol. X-XI, pp. 225-231.
- CASEY, E. (1996) - How to Get from Space to Place in a Fairly Short Stretch of Time: Phenomenological Prolegomena. FELD, S.; BASSO, K. (ed.) - *Senses of Place*. Santa Fé, New Mexico: School of American Research Press, pp.13-52.
- COIXÃO, A. N. S. (1996) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
- COIXÃO, A. N. S., CRUZ, A., SIMÃO, P., (2009) - *Carta Arqueológica do Concelho da Mêda*. Coimbra: Câmara Municipal da Mêda.
- FERREIRA, A. de B., (1971) - O Rebordo Ocidental da Meseta e a depressão tectónica da Longroiva. In *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, vol. VI, nº 12.
- FERREIRA, A. de B., (1978) - Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia. In *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, nº 4.
- FERREIRA, P.; RIBEIRO, M. L. (1995) - Cartografia geoquímica do Maciço Granítico de Freixo de Numão: implicações petrogenéticas e geodinâmicas. In *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro, tomo 81, pp. 9-22.
- INGOLD, T. (2000) - *The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge.
- JORGE, S. (1998) - Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação. In *Estudos Pré-históricos*. Porto: CEPBA, pp.279-294.
- JORGE, S. (2002) - An all-over corded Bell Beaker in Northern Portugal. Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): some remarks. In *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP, pp.107-130.

- MARTINS, C. B. (2008) - Proto-história e romanização no monte da Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais. In *Actas do III Congresso de Arqueologia, Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Porto: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, congresso realizado em 2006, 3º volume, Proto-história e Romanização, pp.85-95.
- McFADYEN, L. (2010) - Building and Architecture as Landscape Practice. DAVID, B.; THOMAS, J. (ed.) - *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press, pp. 307-314.
- MEDEIROS, C. A. (2000) - *Geografia de Portugal. Ambiente Natural e Ocupação Humana: Uma Introdução*. Lisboa: Editorial Estampa, 5ª edição.
- MURALHA, J. (1996) - *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numa. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de Mestrado em Arqueologia, edição policopiada.
- MURALHA CARDOSO, J. (2010) - *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.
- MURALHA CARDOSO, J. (2012) - Castanheiro do Vento: Uma historiografia de percursos interpretativos. In SANCHES, M. J.; CUNHA-RIBEIRO, J. P.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. (ed.) - *Discursos em Arqueologia, Textos oferecidos ao Professor Victor Oliveira Jorge*. Coimbra-Porto: CEAUCP, pp. 67-94.
- MURALHA CARDOSO, J. (prelo a) - Castelo Velho de Freixo de Numão, um sítio, uma paisagem. In *Monografia de Castelo Velho de Freixo de Numão*, Porto: DRC-Norte.
- MURALHA CARDOSO, J. (prelo b) - Ao longo da paisagem: o Alto Douro no 3.º milénio AC. Espaços temporários e mobilidades. In *Actas da Mesa-Redonda A Pré-história e a Proto-história no centro de Portugal*, Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.
- PEREIRA, L. S. (1999) - *As Cerâmicas Cogeces de Castelo Velho de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa. Seu enquadramento peninsular*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de Mestrado em Arqueologia, edição policopiada.
- PERESTRELO, M. S. (2002) - *A Romanização na Bacia do Rio Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- PINA, F. A. (2009) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da Beneficiação da EN 332 entre Almendra e Figueira de Castelo Rodrigo*. Lisboa: IGESPAR, policopiado.
- PINA, F. A. (2010) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Acompanhamento Arqueológico da EN 222 entre Almendra e Vila Nova de Foz Côa*. Lisboa: IGESPAR, Policopiado.
- REIS, M. (2011) - Prospecção da Arte Rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. *Actas do V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto: Caleidoscópio / Direcção Regional de Cultura do Norte, pp.11-124.
- REIS, M. (2012) - Mil Rochas e tal...!" Inventário dos sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa (1ª parte). In *Portugália*. Porto: DCTP-FLUP, Nova Série, volume 33, pp. 5-72.

- REIS, M. (2013) - Mil Rochas e tal...!" Inventário dos sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa (2ª parte). In *Portugália*. Porto: DCTP-FLUP, Nova Série, volume 34, pp. 5-68.
- SILVA, C. M. C. (1996) - *O Povoado Pré-Histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2ª metade do IIIº milénio a.C. /1ª metade do IIº milénio a.C., no Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de Mestrado em Arqueologia, edição policopiada.
- RIBEIRO, M. L. (2001) - *Notícia Explicativa. Carta Geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RIBEIRO, O. (1986) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 4ª edição.
- SANCHES, M. J. (1995) - Alabardas de Tipo Carrapatas. In *A Idade do Bronze em Portugal, discursos de poder*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura / Instituto Português de Museus / Museu Nacional de Arqueologia, Catálogo de Exposição, pp.29-30.
- WATKINS, T. (2009) - From foragers to complex societies in Southwest Asia. In SCARRE, C. (ed) - *The Human Past*. London / New York: Thames & Hudson, pp. 200-233.
- VARELA, J. M. (2000) - *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do castelo velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Tradição e inovação na transição do IIIº para o IIº milénio a.C.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de Mestrado em Arqueologia, edição policopiada.
- VV.AA. (1997), *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa*. ZILHÃO, J. (coord.) - *Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- VV.AA. (2001) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*. Lisboa: IGESPAR, policopiado.

ANEXO

QUADRO 2: GERAL E BIBLIOGRÁFICO

NOME	DATAÇÃO	MATERIALIDADES	BIBLIOGRAFIA
Castanheiro do Vento (VNFC)	2900-1500 a. C.	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica, espatulamento, excisão, puncionamento. Campaniforme e Cogeces.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: ponta de seta, furadores, geométricos, lamelas, lâminas, raspadeiras...</p>	MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional</i> . Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.
Castelo Velho de Freixo de Numão (VNFC)	2900-1500 a. C.	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica, espatulamento, puncionamento. Campaniforme e Cogeces.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: ponta de seta, furadores, geométricos, lamelas, lâminas, raspadeiras...</p>	JORGE, S. O. (2005) - <i>O Passado é Redondo, Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais</i> . Porto: Edições Afrontamento, Biblioteca de Arqueologia.
Vale da Veiga II (VNFC)	Idade do Bronze	<p>Cerâmica.</p> <p>Líticos talhados em quartzito.</p>	VV.AA. (1996) - <i>Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa</i> . In ZILHÃO, J. - <i>Trabalhos de 1995-1996</i> . Lisboa: Ministério da Cultura.
Castelo de Numão (M)	3º milénio a.C. 1ª metade do 2º milénio a.C.	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica.</p> <p>Elementos líticos: percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: ponta de seta, raspadeiras</p>	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

Fumo (VNFC)	2135-1743 A.C. 2129-1693 A.C.	<p>Cerâmica decorada: decoração plástica, impressão, incisão, puncionamento, cogeses.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: raspadeiras, lâminas, lamelas, lascas retocadas, denticulados.</p> <p>Núcleos.</p>	CARVALHO, A. F. (2004) - O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do PAVC). In <i>Revista Portuguesa de Arqueologia</i> . Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, volume 7, número 1, pp. 185-219.
Alto de Santa Eufémia (VNFC)	Achados isolados.	Cerâmica cogeses	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
Montes (VNFC)	3º milénio a.C. 2º milénio a.C.	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica, espatulamento, puncionamento.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: lascas retocadas, raspadeiras.</p>	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
Freixo de Numão (VNFC)	Achados isolados	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica, espatulamento, puncionamento.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: lascas retocadas, raspadeiras...</p>	COIXÃO, A. N. S. (2001) - Novos dados para o Estudo do Povoamento da Área Urbana de Freixo de Numão da Pré-história aos nossos dias. In <i>Côavisão</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 45-53.
Castelo Velho de Seixas (VNFC)	Idade do Bronze (?) e Idade do Ferro	<p>Cerâmica não decorada.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p>	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.

		Elementos líticos: Percutores, seixos.	
Salto do Boi (VNFC)	Idade do Bronze	Cerâmica não decorada. Elementos líticos: talhados.	VV.AA. (1996) - Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. In ZILHÃO, J. - <i>Trabalhos de 1995-1996</i> . Lisboa: Ministério da Cultura.
Olga Grande 6 (VNFC)	Calcolítico Idade do Bronze	Cerâmica não decorada. Elementos líticos.	AUBRY, T.; CARVALHO, A. M. (1998) - O povoamento pré-histórico do Vale do Côa, síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). In <i>Côavisão</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, nº 0, pp. 23-34.
Castelo Velho de Santa Comba (VNFC)	Calcolítico e Idade do Bronze	Cerâmica: Impressão Elementos de mós: dormentes, moventes. Elementos líticos: Percutores, polidos, seixos, talhados.	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
Citânia da Teja (VNFC)	Calcolítico e Idade do Bronze	Cerâmica: Impressão, decoração plástica. Elementos de mós: dormentes, moventes. Elementos líticos: Percutores, seixos, talhados.	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
Castelo Velho das Chãs (VNFC)	Idade do Bronze	Cerâmica: Impressão Elementos de mós: dormentes, moventes. Elementos líticos: Percutores, polidos, seixos, talhados. Utensílios: Lascas retocadas, raspadeiras.	COIXÃO, A. N. S. (1996) - <i>Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal.
Castelo Velho de Monte Meão (VNFC)	Calcolítico Idade do Bronze Idade do Ferro	Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica. Elementos de mós: dormentes, moventes. Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados. Utensílios: lascas retocadas, raspadeiras.	MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional</i> . Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.

Castro de São Jorges (M)	Calcolítico Idade do Bronze Idade do Ferro	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: pontas de seta, lascas retocadas, raspadeiras.</p>	COIXÃO, A., CRUZ, A., SIMÃO, P. (2009) - <i>Carta Arqueológica do Concelho da Mêda</i> . Coimbra: Câmara Municipal da Mêda.
Castelo Velho da Meda (M)	Calcolítico Idade do Bronze	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica, espatulamento, puncionamento.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: polidos, percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: ponta de seta, furadores, lamelas, raspadeiras.</p>	MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional</i> . Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.
Castelo do Nunes (M)	Calcolítico Idade do Bronze	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: raspadeiras.</p>	COIXÃO, A., CRUZ, A., SIMÃO, P. (2009) - <i>Carta Arqueológica do Concelho da Mêda</i> . Coimbra: Câmara Municipal da Mêda.
Quinta do Campo (M)	Calcolítico Idade do Bronze	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: raspadeiras.</p>	COIXÃO, A., CRUZ, A., SIMÃO, P. (2009) - <i>Carta Arqueológica do Concelho da Mêda</i> . Coimbra: Câmara Municipal da Mêda.
Alto da Lamigueira (M)	Calcolítico Idade do Bronze	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica.</p> <p>Elementos de mós:</p>	MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional</i> .

		<p>dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: percutores, seixos, talhados.</p> <p>Utensílios: raspadeiras.</p>	Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.
Vinha do Cruzeiro (M)	Bronze antigo		<p>MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional.</i></p> <p>Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.</p>
Santa Bárbara de Valflor (M)	<p>Calcolítico</p> <p>Idade do Bronze</p> <p>Idade do Ferro</p>	<p>Cerâmica decorada: impressão, incisão, decoração plástica.</p> <p>Elementos de mós: dormentes, moventes.</p> <p>Elementos líticos: percutores, talhados.</p>	COIXÃO, A., CRUZ, A., SIMÃO, P. (2009) - <i>Carta Arqueológica do Concelho da Mêda.</i> Coimbra: Câmara Municipal da Mêda.
Estátua de Ataúdes (FCR)	Idade do Bronze antigo/médio		VILAÇA, R., CRUZ, D., SANTOS, A., MARQUES, J. (2001) - A estátua-menir de "Ataúdes" (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional. In <i>Estudos Pré-históricos.</i> Viseu: CEPBA, Vol. IX, pp.69-82.
Canada da Ortiga (FCR)	Idade do Bronze	Cerâmica	CARVALHO, A. (1998) - <i>Relatório de prospecção e sondagens geológicas do PAVC.</i> Processo 97/1 (184), policopiado.
Pero Martins 54 (FCR)	Idade do Bronze	<p>Cerâmica.</p> <p>Lascas quartzito e quartzito.</p>	RODRIGUES, A., MARTINS, A., DIEZ, M. (2001) - <i>Levantamento do património no âmbito do EIA da avaliação comparada dos aproveitamentos do Baixo Sabor e Alto Côa.</i> Processo 2000/1 (830), policopiado.
Castelo da Senhora de Monforte (FCR)	<p>Bronze Final</p> <p>Idade do Ferro</p> <p>Idade Média</p>	<p>Cerâmica ("cepillada").</p> <p>Elementos de mó: dormentes e moventes.</p>	VILAÇA, R. (2008) - <i>Através das Beiras, Pré-História e Proto-História.</i> Coimbra: Palimage.
Castelão (FCR)	<p>Calcolítico</p> <p>Bronze Final</p> <p>Romano</p>	<p>Cerâmica: impressão, incisão, campaniforme.</p> <p>Elementos líticos: polidos, seixos, talhados.</p>	VILAÇA, R. (2008) - <i>Através das Beiras, Pré-História e Proto-História.</i> Coimbra: Palimage.

		Utensílios: dentes de foice. Núcleos.	
Chão do Marganho (SJP)	Calcolítico Bronze Final Idade do Ferro	Cerâmica. Elementos de mós: dormentes, moventes. Elementos líticos: polidos.	COIXÃO, A. (2000) - Do Neolítico ao Bronze na região "De Entre Côa e Távora"-Que hipótese e percursos?". In <i>Côavisão</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, nº 2, pp. 65-79.
Castelinhos (SJP)	Neolítico Calcolítico Bronze	Cerâmica. Elementos líticos: seixos, talhados. Utensílios: raspadeiras.	COIXÃO, A. (1999) - <i>A ocupação humana na pré-história recente na região de entre Côa e Távora</i> . Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de Mestrado em Arqueologia, edição policopiada.
Cista da Senhora de Lurdes (SJP)	Bronze Final	Cerâmica.	CARVALHO, P. S.; COUTINHO, L. F. (2002-2003) - A Cista do Povoado da Senhora de Lurdes (São João da Pesqueira, Viseu). In <i>Estudos Pré-históricos</i> . Porto: CEPBA, vol. X-XI, pp. 225-231.
Senhora de Lurdes (SJP)	3º milénio Idade do Bronze	Cerâmica: impressão, incisão, decoração plástica. Elementos de mós: dormentes e moventes. Elementos líticos: talhados, seixos, lascas.	MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional</i> . Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.
Povoado da Cocheira (SJP)	Bronze Final	Cerâmica	COIXÃO, A. (1999) - <i>A ocupação humana na pré-história recente na região de entre Côa e Távora</i> . Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dissertação de Mestrado em Arqueologia, edição policopiada.
Reboledo (SJP)	Calcolítico Idade do Bronze	Cerâmica. Elementos de mós: dormentes e moventes. Elementos de adorno em bronze.	COIXÃO, A. (2000) - Do Neolítico ao Bronze na região "De Entre Côa e Távora"-Que hipótese e percursos?". In <i>Côavisão</i> . Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, nº 2, pp. 65-79.
Quinta da Alfarela (TM)	Calcolítico Idade do Bronze	Cerâmica: impressão, incisão, decoração plástica. Elementos de mós: dormentes e moventes. Elementos líticos: talhados,	MURALHA CARDOSO, J. (2010) - <i>Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional</i> .

		seixos, lascas, percutores. Utensílios: raspadeiras.	Islas Baleares: Vessants Arqueologia i Cultura.
Nossa Senhora de Urros (TM)	3º milénio Bronze Final Idade do Ferro	Cerâmica: impressão, incisão.	MARTINS, C. B. (2008) - Proto-história e romanização no monte da Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais. In Actas do III Congresso de Arqueologia, Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Porto: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, congresso realizado em 2006, 3º volume, Proto-história e Romanização, pp.85-95.
Castelo de Ansiães (CA)	Calcolítico Bronze	Cerâmica: incisão, decoração plástica. Elementos de mós: dormentes e moventes. Elementos líticos: talhados, seixos, lascas, percutores. Utensílios: lascas retocadas, raspadeiras.	PEREIRA, A. L. (1998-2001) - PNTA-Projecto Arqueológico do Castelo de Ansiães. Lisboa: IPA, policopiado.
Castelo de Linhares (CA)	Calcolítico Idade do Bronze	Cerâmica. Elementos líticos não especificados.	PEREIRA, A. L. (1998-2001) - PNTA-Projecto Arqueológico do Castelo de Ansiães. Lisboa: IPA, policopiado.
Castro da Rapa (CA)	3º milénio Idade do Bronze	Cerâmica: impressão, puncionamento, incisão. Elementos líticos: polidos, percutores	PEREIRA, A. L. (1998-2001) - PNTA-Projecto Arqueológico do Castelo de Ansiães. Lisboa: IPA, policopiado.
Linhares (CA)	Idade do Bronze	Machado de talão de dupla aselha lateral.	SAVORY, H. N. (1951) - A Idade do Bronze atlântico no Sudoeste da Europa. In <i>Revista de Guimarães</i> . Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 61:34, pp. 323-377.
Castelo dos Mouros (P)	Idade do Bronze Final	Cerâmica. Elementos de mós: dormentes e moventes. Elementos líticos: machado polido e percutores.	PERESTRELO, M. S. (2002) - <i>A Romanização na Bacia do Rio Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
Porto da Vide (P)	Bronze Final Romano	Cerâmica. Elementos de mós:	PERESTRELO, M. S. (2002) - <i>A Romanização na Bacia do Rio Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Parque

	Idade Média	dormentes e moventes.	Arqueológico do Vale do Côa.
Minas da Senhora da Fonte (P)	Calcolítico Idade do Bronze	Cerâmica: impressão, fundos planos, arranques de asa.	FILIPE A., LAMOSAS, M., COSTA, M., (2009) - <i>EIA da obra de remodelação ambiental da área mineira da Sr.ª das Fontes</i> . Lisboa: IGESPAR, relatório policopiado.
Alto dos Sobreiros (P)	Bronze Final	Cerâmica. Elementos de mós: dormentes e moventes.	PERESTRELO, M. S. (2002) - <i>A Romanização na Bacia do Rio Côa</i> . Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

QUADRO 3: CATEGORIZAÇÃO DE SÍTIOS E CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM

NOME	CATEGORIA	IMPLANTAÇÃO	PAISAGEM	ACÇÃO ARQUEOLÓGICA
Castanheiro do Vento (VNFC)	Recinto	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas várzeas	Escavação
Castelo Velho de Freixo de Numão (VNFC)	Recinto	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas várzeas	Escavação
Vale da Veiga II (VNFC)	Sítio sem delimitação	Várzea.	Linhas de água vales abertos	Sondagens

	estrutural		especificidades geomorfológicas várzeas	
Castelo de Numão (VNFC)	?	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas várzeas	Prospecção
Fumo (VNFC)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas várzeas	Escavação
Alto de Santa Eufémia (VNFC)	Achado isolado	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas várzeas	Prospecção
Montes (VNFC)	Recinto	Cumeada	Linhas de água vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas	Prospecção
Freixo de Numão (VNFC)	Sítio sem delimitação estrutural	Planalto	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas	Sondagens

			várzeas	
Castelo Velho de Seixas (VNFC)	Recinto	Cumeada	Linhas de água vales fechados especificidades geomorfológicas	Prospecção
Salto do Boi (VNFC)	Sítios sem delimitação estrutural	Fundo de vale	Linhas de água meandros	Sondagens
Olga Grande 6 (VNFC)	Sítios sem delimitação estrutural	Planalto	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas várzeas	Sondagens
Castelo Velho de Santa Comba (VNFC)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água meandros vales fechados especificidades geomorfológicas	Prospecção
Citânia da Teja (VNFC)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água meandros vales fechados especificidades geomorfológicas	Sondagens não publicadas
Castelo Velho das Chãs (VNFC)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas	Prospecção
Castelo Velho de Monte Meão (VNFC)	Recinto	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas	Prospecção

			várzeas	
Castro de São Jorges (M)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados especificidades geomorfológicas	Escavação
Castelo Velho da Meda (M)	Recinto	Cumeada	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas várzeas	Sondagens não publicadas
Castelo do Nunes (M)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas várzeas	Sondagens não publicadas
Quinta do Campo (M)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas várzeas	Prospecção
Alto da Lamigueira (M)	Recinto	Cumeada	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas várzeas	Prospecção
Vinha do Cruzeiro (M)	Achado isolado	Várzea	Linhas de água vales abertos especificidades geomorfológicas várzeas	Achado isolado
Santa Bárbara	Sítio sem delimitação	Meia encosta	Linhas de água	Prospecção

de Valflor (M)	estrutural		vales abertos	
Estátua de Ataúdes (FCR)	Achado isolado	Várzea	Linhas de água vales aberto	Achado isolado
Canada da Ortiga (FCR)	Sítio sem delimitação estrutural	Fundo de vale	Linhas de água	Prospecção
Pero Martins 54 (FCR)	Sítio sem delimitação estrutural	Planalto	Linhas de água vales abertos	Prospecção
Castelo da Senhora de Monforte (FCR)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água Meandros Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Castelão (FCR)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água Meandros Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Chão do Marganho (SJP)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água Meandros Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Castelinhos (SJP)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água Meandros Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Cista da Senhora de	Cista	Meia encosta	Linhas de água	Escavação

Lurdes (SJP)			Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	
Senhora de Lurdes (SJP)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Povoado da Cocheira (SJP)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Reboledo (SJP)	Recinto	Cumeada	Linhas de água Vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Quinta da Alfarela (TM)	Recinto	Cumeada	Linhas de água meandros vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Nossa Senhora de Urros (TM)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água vales abertos vales fechados Especificidades geomorfológicas	Escavação
Castelo de Ansiães (CA)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água vales abertos Especificidades	Sondagens

			geomorfológicas	
Castelo de Linhares (CA)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Castro da Rapa (CA)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Linhares (CA)	Achados isolados	Meia encosta	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Castelo dos Mouros (P)	Recinto (?)	Cumeada	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas meandros vales fechados	Prospecção
Porto da Vide (P)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Minas da Senhora da Fonte (P)	Sítio sem delimitação estrutural	Meia encosta	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas	Prospecção
Alto dos Sobreiros (P)	Sítio sem delimitação estrutural	Cumeada	Linhas de água vales abertos Especificidades geomorfológicas	Prospecção